

COLEÇÃO  
ESCRITOS ROGACIONISTAS 41

# **RECOMEÇAR DE AVINHÃO**

UM NOVO IMPULSO À MISSÃO

GIORGIO NALIN

---

2022

## ESCRITOS ROGACIONISTAS

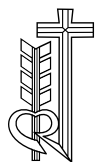
As Quarenta Declarações – 1985 ▪ 02. A Vida Religiosa Rogacionista - 1985 ▪ 03. Promoção Vocacional e Formação Rogacionista – 1985 ▪ 04. O Apostolado da Congregação - 1985 ▪ 05. Diretrizes Gerais para a Formação - 1986 ▪ 06. Plano de Formação - 1986 ▪ 07. Comunhão e Participação na Formação - 1987 ▪ 08. Comunhão e Participação na Formação (Documento Final) - 1987 ▪ 09. Comunhão e Comunidade Rogacionista - 1987 ▪ 10. Vida Religiosa: Participação e Comunhão – 1990 ▪ 11. Os Grandes Temas do Rogate - 1990 ▪ 12. Rogate, Vida Religiosa e Evangelização à Luz da Realidade Latino-americana - 1993 ▪ 13. Antologia Rogacionista - 1993 ▪ 14. Os teus últimos 22 dias de vida, ó pai! - 1998 ▪ 15. Chamados a estar com Ele; fidelidade criativa ao Rogate - 1999 ▪ 16. Chamados a estar com Ele; o primado da vida espiritual - 2000 ▪ 17. Projeto Educativo Rogacionista - 2001 ▪ 18. Plano Vocacional Rogacionista - 2002 ▪ 19. Reaviva o dom de Deus que há em ti; Projeto de Formação Permanente Rogacionista - 2002 ▪ 20. Vinde às águas; Renovação bíblico-litúrgica e espiritualidade rogacionista - 2003 ▪ 21. Formação Permanente Rogacionista; seguimento do Cristo do Rogate - 2003 ▪ 22. Apóstolos do Rogate; a missão dos Rogacionistas no início do Terceiro Milênio - 2004 ▪ 23. Plano de Formação Rogacionista; Diretrizes da Formação de Base da Província Latino-americana - 2005 ▪ 24. Missão Rogacionista nas paróquias e santuários; Diretrizes e linhas comuns de ação - 2005 ▪ 25. Consagrados à missão; Programação do Governo Geral - 2006 ▪ 26. Rogacionistas em Assembleia - 2006 ▪ 27. Apóstolos do Rogate: discipulado, profetismo e missão - 2007 ▪ 28. A Regra de Vida Rogacionista - 2010 ▪ 29. Discípulos missionários do Cristo do Rogate - 2010 ▪ 30. Plano de Ação do Governo Provincial (2010-2014) - 2011 ▪ 31. Diretrizes da Província Rogacionista São Lucas - 2015 ▪ 32. A Alegria do Rogate; Identidade e Missão Rogacionista - 2015 ▪ 33. Vida Consagrada Rogacionista, un camino de renovación continua en la Iglesia hoy - 2015 ▪ 34. Os Rogacionistas e a Missão "Ad Gentes" - 2016 ▪ 35. Diretrizes das Ações Socioeducativas Rogacionistas; Princípios Norteadores – 2016 ▪ 36. A nossa identidade carismática nos desafios atuais, "Ao ver as multidões, encheu-se de compaixão e disse: Rogate"; documento conclusivo do 12º Capítulo Geral da Congregação Rogacionista – 2017 ▪ 37. Da compaixão à missão - 2018. ▪ 38. Documento Final Do 10º Capítulo Provincial - 2019 ▪ 39. Diretrizes para a formação inicial - 2020. ▪ 40. Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional Rogacionista - 2022.

**Título original:** *Ripartiamo da Avignone, per rilanciare la missione oggi*

**Ano:** 2008

**Revisão:** *Juarez Destro*

**Diagramação e impressão:** *AD9 Comunicação LTDA.*



**Província Rogacionista São Lucas**

www.rogacionista.org

provincia.br@rcj.org

Av. Santa Marina, 534 Água Branca

05036-000 São Paulo SP

## Apresentação

**É** incrível perceber que o tema da missão está sempre atual. A Carta Circular do então Superior Geral dos Rogacionistas, Pe. Giorgio Nalin, “Recomeçar de Avinhão”, escrita na ocasião do Centenário do catastrófico terremoto de Messina, em 2008, mesmo tendo passado quase 14 anos, continua válida e, sobretudo, provocadora. Como lemos na introdução, *depois do aniversário da primeira publicação do boletim “Deus e o Próximo”, que determinou o início da nossa comunicação impressa, recordamos também o centenário de um acontecimento muito trágico que acometeu a Obra em seu desenvolvimento inicial, o terremoto de 28 de dezembro de 1908. Um evento que foi catastrófico para as cidades de Messina, na Sicília, e Rêgio Calábria, no continente, e para boa parte do território que beira o Estreito. O trágico evento provocou cerca de 120 mil vítimas.*

Interessante observar que foi justamente no boletim “Deus e o Próximo”, na edição do primeiro “aniversário” do terremoto, em 08 de dezembro de 1909, que Santo Aníbal Maria Di Francia deixou sua ampla visão do fato: *A Divina Providência dispôs que a imensa catástrofe fosse para os meus Orfanatos o início de uma maior expansão.* Ele compreendeu que a consequência do terremoto, a necessária transferência dos orfanatos, masculino e feminino, de Messina, na Sicília, a Ória, no continente, marcou o início da missão das congregações fundadas por ele.

Também o subtítulo da Carta Circular, “Um novo impulso à missão”, continua válido para os dias atuais. Se há 14 anos fomos brindados por este belo escrito, citando os documentos do Magistério e da Congregação da época, hoje poderíamos citar tantos outros, sem esquecer – para nós da América Latina e Caribe – do Documento de Aparecida, que é justamente daquela época, 2007, e continua muito atual. Tanto que recentemente, em dezembro de 2021, foi realizada a 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, com o objetivo de resgatar aquele documento, passados 14 anos. *A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais*, lemos em Aparecida, em seu número 11. E continua: *A Igreja não pode fechar-se frente àqueles que só vêem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos missionários [...], protagonistas de uma vida nova...* “Somos discípulos missionários em saída”, foi o tema da Assembleia Eclesial. Sim, somos discípulos missionários do Rogate em saída, poderíamos dizer em nosso contexto rogacionista. Isso não acaba, não termina, é permanente!

Desejamos que o livro seja apreciado, lido, estudado, quer em sua primeira parte, onde se faz a memória histórica do terremoto e a saga da transferência ao continente, quer em sua segunda parte, quando se apontam os “ícones” que nos fazem redescobrir nossa

origem missionária, ou em sua terceira e última parte, na atenção aos sinais dos tempos.

Em 2022, celebramos a vida missionária na Igreja, com o tema: “A Igreja em estado permanente de missão”, e o lema: “Seis minhas testemunhas” (At 1,8). É um Ano Jubilar Missionário, pois comemoramos os 400 anos de criação da Congregação para a Evangelização dos Povos, os 100 anos do Motu Próprio *Romanorum Pontificum*, do papa Pio XI, com o qual, em 1922, designou as Obras Missionárias como Pontifícias, os 50 anos de criação, no Brasil, do Conselho Missionário Nacional (COMINA), de modo especial, os 125 anos da Fundação dos Rogacionistas e os 18 anos da Canonização do insigne apóstolo da oração pelas vocações, pai dos órfãos e dos pobres, Santo Aníbal Maria Di Francia, nosso Fundador. A Igreja é missão! A Igreja é Vocação!

Que Santo Aníbal continue nos impulsionando, com alegria e disponibilidade, para os vários serviços e ministérios, em nossas missões!

*São Paulo, 21 de setembro de 2022.*

*Festa de São Mateus*

*Pe. Geraldo Tadeu Furtado, rcj  
Superior Provincial*

O ano de 2008 trouxe, para a Família do Rogate, a lembrança centenária de alguns eventos importantes da história da Obra. Depois do aniversário da primeira publicação do boletim “Deus e o Próximo”,<sup>1</sup> que determinou o início da nossa comunicação impressa, recordamos também o centenário de um acontecimento muito trágico que acometeu a Obra em seu desenvolvimento inicial, o *terremoto* de 28 de dezembro de 1908. Um evento que foi catastrófico para as cidades de Messina, na Sicília, e Régio Calábria, no continente, e para boa parte do território que beira o Estreito.<sup>2</sup> O trágico evento provocou cerca de 120 mil vítimas.

Na Sicília o terremoto teve o seu epicentro na cidade de Messina,<sup>3</sup> que a arrasou quase completamente, provocando mais de 80 mil mortos e destruindo inteiramente também os edifícios das obras de caridade de Santo Aníbal, iniciadas cerca de 30 anos antes. A frágil estrutura da Obra, que se encaminhava lentamente para assumir como nascente congregação, uma certa estabilidade e consistência na cidade,<sup>4</sup> foi assim golpeada profundamente em seu coração. Pe.

<sup>1</sup> Cf. NALIN G. & GUERRERA D., *Deus e o Próximo, a comunicação do Rogate ontem e hoje*, São Paulo, 2019.

<sup>2</sup> BOATTI G., *A terra treme. Messina 28 de dezembro de 1908. Os trinta segundos que mudaram a Itália, não os Italianos*, Mondadori, 2004.

<sup>3</sup> Os efeitos foram sentidos em grande parte da ilha e danos ocorreram em Caltagirone, Noto, Augusta, Catânia, até em Palermo e em outros centros menores.

<sup>4</sup> Santo Aníbal já tinha ampliado a sua esfera de caridade para além da cidade de Messina: em Taormina (1902) e em Giardini (1903). Em abril de 1908 o

Aníbal, após a desorientação inicial, agravada pelo fato de se encontrar longe de Messina - para onde imediatamente quis voltar -, entregou-se confiante, como de costume,<sup>5</sup> à Divina Vontade. E logo se empenhou em aliviar os sofrimentos dos seus, indo procurar um abrigo, ao menos provisório, onde amparar as suas Comunidades tão afligidas.

*A Divina Providência dispôs* - declarou ele ao descrever os acontecimentos daqueles dias - *que a imensa catástrofe fosse para os meus Orfanatos o início de uma maior expansão.*<sup>6</sup> Foi efetivamente o que aconteceu como consequência do terremoto: a transferência dos orfanatos, masculino e feminino, de Messina ao *continente* - como se costumava dizer então -, precisamente para a região da Puglia, no fim de janeiro de 1909.

Portanto, a nossa recordação, junto ao acontecimento trágico do terremoto e aos dolorosos sofrimentos da Obra e de seus membros, vai além da transferência ao continente. Significou a providencial expansão das Congregações e sua missão além da Sicília.

*O terremoto* - conta Pe. Santoro, recordando os acontecimentos daqueles trágicos dias - *fechou um período triste da*

---

Conselho Comunal de Messina tinha deliberado finalmente a concessão, numa espécie de comodato, para uso do ex-mosteiro Espírito Santo.

<sup>5</sup> Recordamos que em 05/07/1905 Pe. Aníbal tinha se obrigado, com o voto de confiança, a não duvidar da ajuda do Senhor para qualquer travessia sofrida pela Obra (cf. DI FRANCIA A.M., *Escritos, Orações ao Senhor*, Vol. I, Rogate, Roma, 2007, p. 358-361; cf. também TUSINO T., *L'anima del Padre. Testimonianze*, Roma, 1973, p. 180-194).

<sup>6</sup> Suplemento ao boletim "Deus e o Próximo", ano 2, n. 1 (08/12/1909).

*Obra, mas abriu um mais rico, mais dinâmico e mais luminoso. Não se sabia ainda como, mas se percebia que seria assim, porque Deus estava com ele.*<sup>7</sup> E Pe. Vitale acrescenta: *Os caminhos do Senhor são admiráveis, e é tolo quem os quer medir com os olhos humanos: "Os vossos caminhos não são os meus caminhos" (Is 55,8). Enquanto desabam por vezes as grandes e soberbas instituições humanas, as pequenas e humildes, ao contrário, fundadas sobre a confiança na Divina Providência, crescem e florescem, mesmo sob os sinais da destruição e da morte. Foi o que aconteceu com as Obras do nosso Padre Fundador, que ressurgiram após a destruição da cidade para uma vida mais exuberante, a ponto de fazer os sobreviventes exclamarem: "O dedo de Deus está aí!" (Ex 8,15).*<sup>8</sup>

Todo evento catastrófico pode quebrar uma vida, um projeto, uma aventura, como muitas vezes aconteceu e acontece também hoje, mas pode também reacendê-los e abrir novos e imprevisíveis caminhos. Isto aconteceu com Santo Aníbal. Compreensíveis o inicial abatimento e desconforto pelo acontecido: a dor pelas 13 irmãs falecidas e pelas que ficaram feridas sob as ruínas, as dificuldades das crianças e dos pobres, as estruturas demolidas. Mas, em sua fortíssima confiança em Deus, Santo Aníbal soube decididamente olhar adiante. Ele, de fato, tinha plena consciência de ter recebido uma missão que exigia absoluto cumprimento: *poderá se acabar uma Obra, que, além da salvação das almas, talvez seja a única na Santa*

---

<sup>7</sup> SANTORO S. D., *Início carismático e laborioso do Instituto das Filhas do Divino Zelo*, texto mimeografado, p. 71, citado por TUSINO T., *Aníbal Maria Di Francia, Memórias Biográficas*, IV parte, Rogate, 2001, p. 27.

<sup>8</sup> VITALE F., *Cônego Aníbal Maria Di Francia; vida e obras*, p. 214.

*Igreja a cumprir e fazer cumprir aquele grande Divino Comando: “Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam?”<sup>9</sup>*

Do dia 29 de dezembro, quando em Roma tomou consciência do acontecimento, e, ainda mais, a partir do dia 4 de janeiro de 1909, quando finalmente alcançou os seus, começou a se empenhar com todas as suas forças, coração, mente e braços para retomar a caminhada. Precisava recomeçar. Precisava reconstruir. Em primeiro lugar continuar a ter fé no Senhor, o que ajudava a vencer o medo e a incerteza do amanhã. Depois, a esperança de sair, mas só temporariamente, até quando a cidade de Messina fosse reerguida após o horroroso choque. A missão deve continuar e continuará em novos e inesperados horizontes.

Já se passaram cem anos desde então. Messina foi reconstruída no mesmo lugar. Os órfãos de Santo Aníbal, depois de terem se abrigado nas cidades de Francavilla Fontana e Ória, retornaram a Messina, mas as suas Obras se espalharam na Itália e no mundo. Multiplicaram-se os homens e as mulheres na vanguarda da obediência ao mandamento do Rogate e na caridade. Em particular, a cidade de Ória marcou o momento do renascer numérico e organizativo das duas Congregações fundadas por Santo Aníbal.

<sup>9</sup> DI FRANCIA A. M., *Preciosas Adesões*, Napoli, 1919, p. 8. A expressão, que é atribuída a outro contexto, manifesta o conceito claramente consciente na mente de Santo Aníbal.

Com o terremoto a “caravana” do Rogate parte de Avinhão, na cidade de Messina, para procurar outros espaços onde continuar o caminho repentinamente posto à prova. Abrir-se-ão novos horizontes, além dos já projetados e marcados no espírito missionário de Santo Aníbal, para viver, expressar e difundir o dom carismático que tinha recebido.

De Avinhão aos dias atuais o percurso foi longo, nem sempre fácil e às vezes árduo. A expressão da missão Rogacionista vive uma tensão dinâmica entre a sua origem em Avinhão e a atualidade. O início e o hoje se conjugam, unidos, em um caminho que deseja ser contemporaneamente ligado à sua vertente, sempre em vista de seu cumprimento.

O terremoto, em nossa memória histórica, não é somente a lembrança de um acontecimento trágico, mas o início de um novo caminho. Na perspectiva da Providência, o que era sinônimo de morte e destruição tornou-se motivo de renascimento e de desenvolvimento. Se há cem anos tremeu a terra, nestes cem anos se fundamentou e difundiu uma obra nascida do coração de um sacerdote, Fundador e santo, que foi ele mesmo um *terremoto de caridade*.

Gostaria de aproveitar a oportunidade da lembrança centenária do terremoto, e da consequente transferência dos Orfanatos para a região da Puglia, resultando na expansão da Obra, para propor, depois de uma breve reflexão histórica, algumas considerações sobre a nossa própria *Missão Rogacionista*.

## Primeira Parte: Memória histórica

*Se o Senhor não estivesse ao nosso lado,  
que o diga Israel neste momento;  
se o Senhor não estivesse ao nosso lado,  
quando os homens investiram contra nós,  
com certeza nos teriam devorado no  
furor de sua ira contra nós.  
Então as águas nos teriam submergido,  
a correnteza nos teria arrastado,  
e então, por sobre nós teriam passado  
essas águas sempre mais impetuosas.  
Bendito seja o Senhor, que não deixou  
cairmos como presa de seus dentes!  
Nossa alma como um pássaro escapou  
do laço que lhe armara o caçador;  
o laço arrebentou-se de repente, e assim  
nós conseguimos libertar-nos.  
O nosso auxílio está no nome do Senhor,  
do Senhor que fez o céu e fez a terra!  
(Salmo 124)*

## Longe de Messina

01. “Na manhã do dia 29 de dezembro [Pe. Aníbal] celebrou, como de costume, a primeira missa às seis horas, e logo retornou ao quarto para completar alguma carta a despachar. Tentava concentrar-se sobre o que deveria tratar com Sua Santidade, o papa, mas se distraía continuamente. Acostumado a um rígido controle também dos próprios pensamentos, recitava alguma oração para que a Virgem, Santo Antônio de Pádua e outros santos dos quais era devoto, o socorressem naquele momento, ajudando-o a manter longe aquela que parecia uma verdadeira e própria tentação. Enfim, lá pelas dez horas, cumprimentou o irmão porteiro, dando-lhe certeza que estaria de volta na hora do almoço, e se dirigiu ao correio, que ficava não muito distante, para despachar as cartas.

“Estava para atravessar a praça *Rusticucci* em direção ao portão de bronze quando percebeu, finalmente, a voz do vendedor de jornais ao qual até então não tinha prestado atenção.

“Terremoto! Maremoto e terremoto! 80 mil mortos... Arrasada a cidade de Messina... Destruída completamente a cidade de Régio Calábria! Todos os pormenores na Gazeta’.

“Como quem não acredita nos próprios ouvidos, voltou-se e dirigiu-se ao vendedor de jornais. Aquele, abanando a *Gazzetta del Popolo*, foi ao seu encontro continuando a gritar: ‘Tremendo terremoto! Maremoto! Arrasada a cidade de Messina! Reverendo, compra o jornal... Uma carnificina! Todos os pormenores na Gazeta! Reverendo, quer ou não quer este jornal?’

“A *Gazzetta del Popolo* do dia 29 de dezembro de 1908 dizia textualmente: ‘Os desastres do maremoto e do terremoto na Sicília e Calábria: a cidade de Messina é quase inteiramente destruída’. O *Corriere della Sera* também trazia a manchete: ‘Hora de aflição e de morte. Duas cidades da Itália destruídas - dezenas de milhares de nossos irmãos mortos em Régio e em Messina’. Mas de todas estas palavras as que marcaram Santo Aníbal foram: ‘Messina destruída pelo terremoto; 80 mil mortos debaixo das ruínas!’, e se naquele momento se tentasse tirar-lhe uma gota de sangue, com certeza não se conseguiria.

“Sentiu-se enlouquecer. Fulminado, com os olhos arregalados, branco como um trapo, não conseguia nem se mover. Pelo seu próprio temperamento, lentamente se reanimou, entretanto, permanecia confuso. De repente, sentiu a necessidade de retornar imediatamente ao Instituto dos Salvatorianos onde estava hospedado.

“Aquele breve percurso lhe pareceu infinito. Diante de seus olhos passavam os rostos dos órfãos, das órfãs, dos pobres assistidos, dos sacerdotes, das irmãs, de tantos concidadãos... Todos mortos! Não! Não podia acreditar... Não conseguia nem pensar!

“Ao entrar na casa, nem olhou o porteiro - um comportamento estranho, fora do seu costume! Pelo contrário, o religioso que atendia a portaria, preocupado com sua cor cadavérica e aspecto traumatizado, avisou logo o Pe. Jordão. Pensaram que estivesse adoentado e se dirigiram ao seu quarto; não o encontrando procuraram no refeitório, pensando que tivesse necessidade de um pouco de água e açúcar..., mas nada. Parecia que havia se perdido nos recantos da



casa. Pe. Jordão, então, compreendeu onde poderia estar. O encontrou na Igreja. Parou na porta, procurando não incomodá-lo.

“Pe. Aníbal estava de joelhos, com o rosto nas mãos; chorava enquanto, contraído, repetia: ‘Todos os meus filhos! Por que não eu? Por quê? Jesus, dai-me forças... Mãe, minha Mãe, ajudai-me... Os meus pecados, Senhor... A minha presunção... Agora tudo acabou... Santo Antônio, intercedei por mim... Quantos anos, quantos sacrifícios só para chorar sobre os mortos, e eu estou aqui... Senhor, a sua cruz! Mas seja abençoada a vossa vontade... Era necessário que fosse mesmo eu a chorá-los?... Sagrado Coração de Jesus e de Maria, vós que compreendeis a minha dor neste momento tremendo de provação, ajudai-me, tende piedade da minha fraqueza...’”<sup>10</sup>

Introduzindo esta breve memória histórica do terremoto que envolveu a Obra, quis reportar esta página sugestiva da biografia de Santo Aníbal, escrita por Gaetano Passarelli, que, me parece, imaginou e descreveu bem quais fossem os sentimentos do Fundador diante da trágica notícia que o colheu em Roma, quando estava para ser recebido em audiência pelo papa Pio X.

## Santo Aníbal narra o terremoto

02. Ainda não tinha começado o alvorecer quando a cidade foi sacudida pelo terrível terremoto. O relógio marcava cinco horas e 20 minutos, do dia 28 de dezembro, segunda-feira. As ondas sísmicas provocaram a elevação do nível do mar, que varreu a costa e arrastou barcas, homens e destroços. Quase 90% da cidade fora arrasada. Para Messina não era novidade viver este tipo de tragé-

<sup>10</sup> PASSARELLI G., *Padre Aníbal, um sonho de Deus*, Roma, 2004, p. 11-13.

dia. Em um período de aproximadamente 100 anos a cidade já tinha sofrido terremotos, porém de dimensões modestas. Tratava-se de eventos naturais justificados pela composição tectônica e a morfologia do subsolo, altamente sísmica. Não faltava quem imaginasse poder também se tratar de intervenção divina para punir os pecados e a corrupção dos tempos e, neste sentido, já havia algumas premonições.<sup>11</sup>

As sacudidas dos violentíssimos movimentos ondulatórios e o maremoto sucessivo não pouparam mesmo nada. Em segundos esmigalharam-se igrejas, casas e prédios. Só a décima parte das construções se salvou. Acrescentou-se à catástrofe um violento aguaceiro. A cidade caiu no caos total, com entulhos altos de até cinco metros. As estradas tornaram-se irreconhecíveis. Ruínas e pedaços de muros em todo lugar, enquanto a chuva apagava os numerosos focos de incêndio acesos pelo gás que vazava através dos canos quebrados. Os navios na baía de Messina foram assustadoramente atingidos e estavam encalhados. *Em cerca de trinta segundos - recordará Pe. Anibal -, Messina civil, Messina comercial, Messina industrial, Messina religiosa, Messina monumental, Messina popular, Messina bela, radiosa, artística, desapareceu!*<sup>12</sup>

A fúria destrutiva atingiu duramente também Avinhão, que hospedava cerca de 50 órfãos, e o mosteiro do Espírito Santo, onde estavam abrigadas perto de 70 órfãs, com aproximadamente 40 irmãs. Ruiu quase tudo, e a tragédia apareceu mais grave seja pela ausência do Fundador, que estava em Roma, seja pela ausência de

<sup>11</sup> Cf. TUSINO T., *Aníbal Maria Di Francia. Memórias biográficas*, op. cit., p. 5-16.

<sup>12</sup> DI FRANCIA A. M., *Escritos*, vol.45, p. 472.

Madre Nazarena Majone, Superiora Geral das Filhas do Divino Zelo, que se encontrava na cidade de Taormina.

03. Desejo entregar a descrição dos eventos, como fizeram todos os biógrafos do Fundador, ao próprio Santo Aníbal. Ele quis narrar imediatamente os acontecimentos daqueles dias terríveis aos leitores do boletim “Deus e o Próximo”, na edição de 6 de janeiro de 1909,<sup>13</sup> impressa em uma gráfica localizada numa cidade próxima. Na longa crônica, que leva o título: *A prodigiosa preservação dos Orfanatos Antonianos do Cônego Aníbal Maria Di Francia, em Messina, no terrível terremoto do dia 28 de dezembro de 1908*, narra com grande realismo os fatos e entende evidenciar, em sua íntima visão de fé, a proteção divina sobre os órfãos e as órfãs, salvos pela intercessão amorosa de Santo Antônio.

*Nossos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, estamos ainda aterrorizados pela imensa catástrofe da nossa bela e querida pátria, transformada em um monte de destroços, sob os quais pereceram mais de 80 mil pessoas, ou seja, quatro quintos dos habitantes!*

*Desde o momento em que a triste notícia da catástrofe de Messina chegou ao vosso ouvido, o vosso pensamento se dirigiu aos Orfanatos Antonianos, e imaginaram: Pobres órfãos! Pobrezinhas das órfãs! O que terá acontecido a eles? Pereceram entre os escombros? Santo Antônio os terá salvo? Então, alegrai-vos, o grande*

<sup>13</sup> Suplemento do boletim “Deus e o Próximo”, ano 2, n. 1, *A Prodigiosa preservação dos Orfanatos Antonianos do Cônego Aníbal Maria Di Francia, em Messina, no terrível terremoto de 28 de dezembro de 1908*, p.1-4.

*Protetor dos nossos órfãos, o grande Taumaturgo, os salvou todos e todas, e de um modo, aliás, de vários modos prodigiosos!*

*Nenhum dos nossos órfãos sofreu qualquer dano; das nossas órfãs, só algumas sofreram leves ferimentos. Acenaremos brevemente os acontecimentos em nossos Institutos, dentre o universal extermínio da nossa cidade. Começamos com o Instituto masculino.*

*Os órfãos, como de costume, se levantaram às cinco da manhã. Às cinco e quinze já estavam de pé e vestidos. O jovem assistente, Emanuel Vizzari, um antigo órfão que permaneceu em nosso Instituto, naquele momento chamou todos os meninos para as orações da manhã diante de uma bela imagem da Santíssima Virgem; e, assim, um bom número dos rapazes se deslocou de um lado do dormitório, para se reunir no centro diante da imagem de Maria.*

*Naquele instante a terra tremeu terrivelmente com um estrondo assustador, os muros se sacudiram, e aquela parte do dormitório, da qual os meninos tinham apenas se afastado, desmoronou e o teto caiu com imenso barulho. O resto do dormitório onde estavam as crianças permaneceu inteiro. As crianças imediatamente saíram fora para o pátio.*

*No Orfanato temos também uma seção de jovens estudantes que aspiram ao sacerdócio, no mesmo Instituto, para se tornarem os futuros educadores dos Órfãos Antonianos. Estes jovens são muito queridos; dois deles são da região de Pádua; eles são o germe eleito para a continuidade dos Orfanatos. Às cinco horas da manhã saíram do dormitório e entraram na Igreja do Instituto para a oração e a meditação matutina.*

*Iniciado o terremoto, o dormitório deles caiu completamente, a Igreja também; ficou firme somente a parte do teto sob o qual estavam reunidos em oração. Com eles estavam também os irmãos leigos do nosso Instituto, nossos fiéis companheiros e coadjutores, que conosco formam uma única Família Religiosa. Assim, os jovens estudantes e os irmãos leigos ficaram ilesos. Graças sejam dadas ao santo dos milagres!*

*Passamos ao Orfanato feminino, no qual são abrigadas mais de 100 pessoas, umas 70 órfãs, contando as maiores e as pequenas, e cerca de 40 irmãs, incluindo noviças e postulantes. No momento do grande desastre as órfãs, já vestidas, estavam em grande parte no dormitório, outras no corredor que conduz aos lavabos. Quando, de repente, o amplo salão sacudiu como um navio no meio da tempestade, os muros ruíram, o teto precipitou, e as meninas foram envolvidas naquelas ruínas. As que estavam no corredor foram cobertas pelos destroços do teto e parte do piso que também caiu.*

*Então, quem poderia acreditar? Santo Antônio de Pádua mostrou a sua proteção para com suas órfãs, e a proteção dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria as salvou. Nenhuma órfã pereceu, e, fato maravilhoso, entre as trevas da noite e no meio das ruínas, as meninas encontraram a saída, e se reuniram em grupos de duas ou três no amplo jardim do Orfanato. As maiores socorriam as pequeninas, e uma depois da outra emergiram daquelas ruínas.*

*Entre duas ou três horas todas estavam salvas. Com exceção de duas ou três com pequenos ferimentos, nenhuma tinha sofrido algum dano. Como é natural, todas as meninas tremiam de medo, mas algumas saíam rindo, inconscientes do tremendo perigo passado!*

*Singelo o fato de uma criança de cinco anos que na hora do desastre estava na cama, dormindo. Quando o terremoto derrubou tudo, a cama da criança não foi atingida e a inocente criatura, debaixo das traves, das ruínas das paredes e da grande nuvem de poeira, continuou a dormir placidamente. Clareando-se o dia, abriu os olhos, olhou ao seu redor e não entendendo nada, levantou-se e se pôs sobre a parede derrubada. Quando foram resgatá-la, perguntava onde estavam suas roupas, onde estavam suas amiguinhas, e pedia desculpas por não ter ouvido o sinal da campanha para acordar.*

*Mais um outro prodigioso episódio. Uma órfã de 13 anos, que dormia no momento em que ruíram as paredes, foi jogada da cama na estrada abaixo, onde, caindo, se teria arrebentado toda, mas eis que a cama bate em uma sacada pouco abaixo e ela permanece ile-sa. Ao amanhecer, pessoas que passaram na rua perceberam-na e, com uma escada, a tiraram da incômoda posição, cobrindo-a com alguma veste. Deste modo, o grande santo dos milagres salvou completamente os órfãos e as órfãs dos dois Orfanatos a ele confiados!*

Até aqui vimos a narração do que aconteceu nas duas casas, o complexo de Avinhão e o ex-mosteiro do Espírito Santo, destruídos pelo terremoto, e dos órfãos ilesos. Mas a crônica continua com a narração das 13 vítimas, que, infelizmente, estavam entre as Filhas do Divino Zelo (uma irmã professa, três noviças, duas postulantes e sete aspirantes). Após os tremores, Pe. Pantaleão Palma, com dois irmãos leigos, José Antônio Meli e Mariantônio Scolaro, dirigiram-se imediatamente ao ex-mosteiro do Espírito Santo.

## As 13 vítimas, Filhas do Divino Zelo

04. Mas, para esta portentosa liberação - continua Pe. Aníbal - eram necessárias algumas vítimas!

*E estas Santo Antônio de Pádua as escolheu na Comunidade Religiosa das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus, encarregadas da educação e custódia das órfãs. 13 foram as vítimas, correspondente ao número dos 13 privilégios do Santo Taumaturgo! Estas 13 filhas se encontravam, naquele triste momento, algumas acamadas por indisposição, outras nos dormitórios fazendo limpeza. Os dormitórios eram dois, construídos um em cima do outro, e adjacentes à monumental Igreja do Espírito Santo. Ruída a Igreja com grande estrondo, caiu a torre dos sinos, à qual se subia através de um dos dormitórios, estes se esmigalharam de um modo assustador, e cerca de 20 membros da Comunidade das Irmãs ficaram envolvidas.*

*Aqui, com grande tristeza, devo confessar que eu não me encontrava em Messina. Na tarde do Santo Natal, ou seja, três dias antes do imenso desastre, tinha viajado para Roma para urgentes compromissos. Estar longe nesta hora! Nem se encontrava a Madre Superiora das Irmãs, Ir. Nazarena, a qual tinha ido visitar a casa de Taormina! Mas o misericordioso Deus, com certeza, não necessitava de nenhum de nós para dar conforto às órfãs e irmãs naquele terrível evento!*

*O nosso sacerdote, Pantaleão Palma, da cidade de Ceglie Messapico, do Orfanato masculino onde temos nossa moradia, logo terminado o terremoto dirigiu-se correndo ao Orfanato feminino, que fica distante cinco ou seis minutos do masculino. Dois irmãos lei-*

*gos o seguiram. Tudo estava escuro; as lâmpadas a gás da rede pública tinham se apagado e aquele trecho de via era obstruído por enormes entulhos. Moviavam-se entre aquelas massas de ruínas, enrolavam-se entre os fios arrebitados do telégrafo e do telefone, pedaços de muros caíam ao seu redor, e, assim, entre as trevas e os gemidos, entre os destroços e a hecatombe, chegaram ao Orfanato feminino.*

*A presença deles reanimou as irmãs, e começou a obra de resgate das pobres enterradas. Ouviam-se os seus gemidos entre os entulhos. Pe. Palma as chamava pelo nome e algumas respondiam, e deu a todas a absolvição in articulo mortis. Logo depois começaram a trabalhar para tirar as pobrezinhas. Moveram pedras e traves, com o risco de suas próprias vidas. Finalmente apareceu a desejada luz do dia. Tirou-se fora a primeira, depois mais uma, e outras em seguida. De repente, porém, os lamentos cessaram. Continuava-se a chamar, entretanto nenhuma mais respondia! Prosseguiu-se o doloroso trabalho e se conseguiu resgatar outras, mas já mortas. Uma delas segurava nas mãos o Crucifixo e as medalhas!*

*Este trabalho de socorro foi feito debaixo de uma forte chuva. Logo se pensou em construir duas barracas de madeira no amplo jardim, uma para as irmãs feridas, e uma para as órfãs e irmãs incólumes. À tarde estavam todas recolhidas nas barracas.*

*Em seguida, uma outra barraca foi feita no pátio do Instituto masculino para os órfãos. Os dois orfanatos agora estavam abrigados nas barracas.*

*Não se faz outra coisa a não ser rezar e repetir cânticos de devoção. Na barraca das órfãs foi erguido um altar onde todo dia*

celebra-se o *Sacrifício*. E todas as órfãs da casa e os órfãos da outra casa aproximam-se cotidianamente, com grande devoção, da *Sagrada Missa*.

05. Para honrar a memória das vítimas e torná-las partícipes dos sufrágios e dos méritos da Obra, Santo Aníbal as considerou todas, também as aspirantes, como religiosas professoras e a elas deu um simbólico nome religioso.<sup>14</sup> Treze lâmpadas de prata ardem perenemente, desde então, por vontade de Santo Aníbal, na capela da Casa Mãe das Filhas do Divino Zelo, em Messina.

Na Festa Eucarística do 1º de Julho daquele ano, o título dado a Jesus foi: *Providente Pai de Família*. O Fundador, na oração para o costumeiro tríduo de ação de graças na véspera do 1º de Julho de 1909, assim se exprimiu: *Ó amorosíssimo Coração, como não lembrar quanto e como vos demonstrastes conosco verdadeiro e Providente Pai de Família no tremendo flagelo do terremoto? Milagrosamente nos preservastes; milagrosamente e abundantemente nos provestes de tudo o que era necessário, no meio da penúria geral e da calamidade! E se 13 vítimas foram imoladas, foi também esta uma oculta e misteriosa providência para a nossa preservação e para o futuro destes Institutos.*<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Cf. SANTORO D. S., *Breve perfil histórico dos Rogacionistas*, São Paulo, Província São Lucas, 2018, p. 62. Cf. também TUSINO T., *Aníbal Maria Di Francia, Memórias Biográficas*, op. cit., p. 50-55.

<sup>15</sup> DI FRANCIA A. M., *Escritos*, vol. 1, op. cit., p. 465-466.

## **Santo Aníbal finalmente no meio de seus filhos**

06. Narrados os acontecimentos dos terríveis efeitos do terremoto em seus Institutos, Santo Aníbal conta, em seguida, o seu difícil retorno.

*Eu soube do acontecimento em Roma, às 10 horas de terça-feira, do dia 29 de dezembro, depois do grande terremoto. Imaginem, nossos compassivos amigos, como ficou o meu coração ao ouvir a terrível notícia: Messina destruída pelos terremotos. 80 mil mortos sob as ruínas. Chorei como se todos os meus queridos filhos e filhas espirituais estivessem mortos! Aos meus olhos tudo tinha acabado! A não ser pelo fato de estar de tempos em tempos invocando o Sagrado Coração de Jesus e de Maria, e Santo Antônio de Pádua. Um raio de esperança brilhava por um instante na alma, brilho que logo desaparecia.*

*Na tarde de terça-feira viajei para Nápoles. Não podendo prosseguir com o trem até Messina, esperei o navio a vapor do dia seguinte. Pela manhã dois refugiados messinenses me desanimaram alegando que os meus Institutos eram um monte de ruínas!*

*Não se vendiam passagens para Messina. Todavia, providencialmente, numa combinação de circunstâncias movidas por uma mão suprema, consegui uma passagem no navio Scilla e viajei de Nápoles para Messina.*

*O meu coração estava apertado. Resignava-me à Divina Vontade, abençoava a justa ira do Altíssimo e entre as lágrimas rezava pelos sobreviventes e falecidos, entre os quais a mente prefigurava todos os meus filhos em Cristo. Chegamos ao porto de Messina às quatro horas da tarde da quinta-feira, 31 de dezembro.*

*A cidade aparecia horrivelmente golpeada e arruinada. Outros messinenses estavam comigo e almejavam descer logo. Infelizmente, porém, chegou a proibição de descer! Toda a noite permanecemos no porto e na manhã seguinte, lá pelo meio-dia, o navio nos conduziu à Catânia. Ali me hospedei na casa daquele ilustre, nobre e caridoso cardeal, o arcebispo Francica Nava, que tanto ama as nossas Obras. Ali, pela primeira vez, recebi uma consoladora notícia sobre os meus Institutos. Encontrei o padre franciscano Trombaduri, o qual morava em Messina e que, junto aos outros frades, tinha se salvado. Eu o vi, mas não o interroguei. Tremia só de pensar o que ele poderia me dizer: “todos mortos”. Foi ele mesmo quem abriu conversação sobre os meus Institutos, explicando que no dia seguinte aos terremotos tinha encontrado Ir. José Antônio, irmão leigo do meu Instituto, o qual lhe tinha dito que todos, das duas Comunidades, estavam salvos, exceto algumas vítimas.*

*Esta notícia foi luminosa como o amanhecer do dia, depois de uma longa e tenebrosa noite. Agradei o Altíssimo e comecei a compadecer-me das vítimas, que ignorava quem fossem. Desejava voar para Messina, mas a defunta cidade estava em estado de calamidade pública e precisávamos de autorização militar para poder entrar. No entanto, o que faziam as Comunidades não me vendo chegar e não tendo notícias minhas? Rezavam e se preocupavam, temiam que algo de errado tivesse acontecido comigo.*

*No dia 2 de janeiro as órfãs, diante do Santíssimo exposto dentro de uma grande barraca de madeira na qual estavam abrigadas, começaram um tríduo de orações pelo meu retorno. No último dia do tríduo, à tarde, antes da bênção do Santíssimo, eu cheguei no meio deles.*

*Pe. Santoro relata: com a volta do Padre [Aníbal] todos retomamos o ânimo. Foi como se depois de uma noite escura e tempestuosa tivesse aparecido o sol. Parece exagero, mas efetivamente era um sentimento humanamente inexplicável. O Senhor o tinha incumbido de uma missão de espiritual paternidade, autoridade e ternura, que todos os membros da Obra sentiam no íntimo do coração, quase instintivamente. E provavam os efeitos da segurança, serenidade e confiança que ele próprio transmitia diante das grandes provações, como aquela de então, em que parecia que tudo tivesse ruído. Agora ele tinha chegado com a sua imensa confiança em Deus. Inclusive o terremoto com o seu terror perdia toda carga de pavor.<sup>16</sup>*

## **A situação se faz precária**

07. A narrativa da precária situação, com a instalação provisória das Comunidades, encerra o texto sem omitir a informação de se ter achado intacta a famosa estátua de Santo Antônio, doada ao Instituto no mês de maio de 1907.

*Atualmente as duas Comunidades estão abrigadas embaixo de tendas nas duas localidades. A ocupação principal durante o dia é rezar e cantar cânticos de devoção. A cada tremor de terra, que continuam fortes ou não, elevam-se cânticos à Santíssima Virgem, ao Coração de Jesus e a Santo Antônio de Pádua. O mesmo acontece também à noite.*

*E o nosso Santo Antônio, a bela imagem de Santo Antônio que recebemos de Roma, ao qual as órfãs elevavam as suas orações para todos aqueles que esperam as graças, estava colocada na*

<sup>16</sup> SANTORO D. S., *Início carismático e laborioso...*, op. cit., p. 71.

*grande Igreja do Espírito Santo, a qual rui completamente. Oh! Deus! Que pena! Destruída também?! Mas não, não foi assim; depois de alguns dias fomos, entre as ruínas, e em sua vitrine a prodigiosa imagem estava intacta. Com grande entusiasmo foi transportada entre as órfãs que, agora mais do que nunca, elevam orações ao santo protetor!*

*Não queremos que passe despercebido um outro grande favor da Divina Providência. Em Messina não existe mais nenhum comércio, nem um posto de venda onde comprar um pouco de pão. Nos primeiros dias não chegava nenhuma matéria prima, tamanha era a confusão. Entretanto, um fazedor de massas que trabalhava por sua conta em nosso Instituto deixou muitos quilos de massa entre as ruínas. Ele foi embora, mas deixou aquela massa à nossa disposição, se a achássemos. Tínhamos, também, alguns sacos de farinha e de sêmola, e fizemos o pão. Tínhamos uma centena de roupas militares adquiridas com a autorização do Ministério, e serviram para vestir os órfãos e as órfãs nestas rígidas noites nas quais ficavam precariamente abrigados.*

*Assim, por caminhos admiráveis, a Divina Providência nos socorreu. Mas mingando aquelas provisões, colocamos nossa fé nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, e em Santo Antônio de Pádua, para que em nosso favor abrisse o coração dos nossos amigos!*

Depois de um apaixonado apelo aos benfeitores e devotos antonianos, para que continuassem a assistir com suas ofertas os órfãos nestas atuais e difíceis situações, Santo Aníbal conclui: *mas agora nos aflige um pensamento. Os ambientes dos nossos dois Institutos foram atingidos e, em parte, estão inabitáveis. Enquanto Messina não for reconstruída (e isto acontecerá com novos tipos*

*de edificações) parece ser prudente e necessário levar os nossos Orfanatos para outros lugares. Agora pedimos a todos os devotos de Santo Antônio, a todos os amigos dos nossos Institutos, a todos os nossos benfeitores, a todos os nossos benfeitores espirituais (ou seja, os Sagrados Aliados dos nossos Institutos), para que, se possível, procurem ou ofereçam-nos algum abrigo, também provisório, no qual seja viável colocar os Orfanatos. São, mais ou menos, 100 pessoas da Comunidade feminina e 50 da masculina, que deveriam abrigar-se em dois locais separados, e sem coabitação com pessoas de outros Institutos.*

## **Coirmãos e coirmãs no terremoto**

08. Podemos imaginar, no entanto, a dedicação incansável de coirmãos e coirmãs para com os órfãos e os pobres entre as ruínas das duas casas desde as primeiras horas do terremoto. Recordamos, em particular, o Pe. Palma que, na ausência de Pe. Aníbal, animou os socorridos, também no Instituto do Espírito Santo, a casa feminina, onde se dirigiu imediatamente após os primeiros tremores.<sup>17</sup> Citamos o Pe. Bonarrigo, que ficou profundamente abalado pelo terremoto, e o Pe. Vitale, que justamente nos dias do terremoto mostrou grande interesse pela Obra (ele que veio a ingressar no dia 1º de maio de 1909). Citamos, também, os irmãos leigos e as irmãs.

Dentre estes recordamos, acima de tudo, Madre Nazarena, que estava em visita às Comunidades de Taormina e Giardini, e voltou imediatamente a Messina, numa viagem aventureira devido à compreensível confusão provocada pelo terremoto. A própria Madre

<sup>17</sup> É flagrado numa fotografia com as irmãs e órfãs entre as ruínas.

conta a experiência daqueles dias num *doloroso memorando*.<sup>18</sup> A narração revela como, em sua sensibilidade feminina, teve um presentimento do que poderia acontecer, quando com a Comunidade, na tarde de Natal, saudou o Fundador que estava prestes a viajar para Roma. *Faço notar que desta vez, antes que o reverendíssimo padre se ausentasse, eu senti – narra – uma comoção tão grande que não podia frear as lágrimas e, o que é mais notável, diante de toda a Comunidade. Eu mesma não me dava conta e não sabia a que atribuir aquelas lágrimas, tanto que o reverendíssimo padre, também surpreso, disse-me: “Irmã, você não está bem?”. O pranto e a comoção bloqueavam minha garganta e eu nem pude responder.*<sup>19</sup>

Na estação ferroviária de Giardini, onde procurava um trem para chegar a Messina, era difícil conseguir uma passagem, e a quem a desaconselhava partir, alegando que a cidade estava completamente destruída e seria perigoso aventurar-se, a Madre respondia: *Não importa, se é mesmo assim vou para perecer com os meus!*<sup>20</sup>

Fato significativo, retratado por vários biógrafos, foi quando Santo Aníbal, que estava retornando de Roma a Messina, deu uma bênção à cidade destruída e às suas Comunidades na tarde do dia 31 de dezembro, sobre o navio *Scilla*, impedido de desembarcar no porto. Madre Nazarena pareceu percebê-la espiritualmente enquanto recitava o Rosário com a Comunidade feminina: *voltou-se ao Pe. Palma,*

<sup>18</sup> Cf. MAJONE N., *Escritos* (organizados por DI CARLUCCIO L.), Roma, 2006, p. 39-46.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.43.

*que estava a seu lado – conta Pe. Santoro –, e lhe disse em voz baixa: “Tive a sensação de que Pe. Aníbal abençoou-nos do porto”.*<sup>21</sup>

Santo Aníbal, por sua vez, logo que conseguiu entrar na cidade, *dedicava-se de corpo e alma a ajudar de toda forma a tirar dos entulhos os feridos, empenhando-se para que fossem logo tratados; ajudava a desenterrar os cadáveres, a consolar e socorrer aos desamparados. Trabalhava com pá e picareta, ajudava a levar sobre as costas os feridos e os cadáveres. Neste trabalho estava constantemente a seu lado o Pe. Palma, o qual também não se poupava, expondo-se a fadigas e perigos. Era sua preocupação, inclusive, caminhar sobre as ruínas das Igrejas da cidade para extrair, se fosse possível, eventuais cibórios com as hóstias sagradas, relíquias, imagens sacras. (...) Naqueles dias – conclui o seu testemunho o Pe. Carmelo Drago, então jovem religioso –, ao lado de Pe. Aníbal, Madre Nazarena irradiava caridade e amor, dedicada inteiramente a aliviar os sofrimentos seja da Comunidade feminina ou da masculina, tanto em âmbito interno, quanto externo. Ninguém bateu às portas dos institutos sem receber conforto e provisões alimentares.*<sup>22</sup>

É importante lembrar, também, que a partir do terremoto se estabeleceu um particular relacionamento entre Santo Aníbal e São Luís Orione, que naquele período foi nomeado, pelo papa, Vigário Geral da diocese de Messina. Motivada também por uma profunda sintonia de ideais de caridade, estabeleceu-se entre os dois santos uma amizade, que os veria juntos na canonização no dia 16 de maio de 2004.

<sup>21</sup> SANTORO D. S., *Breve perfil histórico dos Rogacionistas*, op. cit., p. 63.

<sup>22</sup> DRAGO C., *O Padre. Fragmentos de vida cotidiana*, Roma, 1995, p. 39-40.



## No continente

09. O desconforto da hospedagem provisória em barracas à céu aberto ou sob partes de prédios ainda em pé, expostos ao frio do inverno, constrange Pe. Aníbal a procurar logo uma sede alternativa para os seus Institutos de Messina. *Era impossível – ele escreve – continuar daquele jeito. Os Orfanatos não podiam funcionar ou se desenvolver regularmente no meio daquele pânico contínuo. [...] Era necessário, portanto, transportá-los para outro lugar.*<sup>23</sup>

Revelou-se providencial a sua viagem e permanência na região da Puglia, nas cidades de Francavilla Fontana e Ória, nos precedentes meses de outubro e novembro, para uma pregação. Naquela oportunidade tinha pensado também em instalar um de seus Institutos em Ória, iniciando para esta finalidade conversações em vista da aquisição do convento de São Pascoal, na periferia da cidade.

Lembrando da acolhida recebida naquela ocasião, Santo Aníbal dirigiu-se aos frades capuchinhos de Francavilla Fontana para que informassem o bispo de Ória, Dom Antônio Di Tommaso, e o prefeito da cidade em vista de se achar dois abrigos idôneos.

*Os abrigos foram logo encontrados, tanto numa, quanto na outra cidade. – comunica Pe. Aníbal, como de costume, aos leitores de “Deus e o Próximo” – Aliás, na verdade, devemos dizer que a caridade foi tamanha nas duas cidades, que surgiu uma nobre competição em querer hospedar os órfãos e as órfãs messinenses. Francavilla os queira todos; todos também os queria Ória.*<sup>24</sup>

<sup>23</sup> “Deus e o Próximo”, ano 2, n. 1 (08/12/1909), p. 2; citado por TUSINO T., *Aníbal Maria Di Francia, Memórias Biográficas*, IV, p. 32.

<sup>24</sup> Ibidem.

Após uma rápida visita de Pe. Aníbal com Madre Nazarena e o irmão José Antônio Meli decidiu-se que os órfãos ficariam em Francavilla, no Colégio dos Escolápios, parte das órfãs, provisoriamente, numa casa particular da mesma cidade, e as outras em Ória, no Mosteiro de São Bento. No dia 25 de janeiro, na Igreja dos capuchinhos de Francavilla, o Fundador anunciou a chegada iminente dos órfãos agradecendo aos moradores. *Nós daremos o adeus à Pátria; será amarga a partida – dirá na conclusão de seu discurso –, mas nos consolará o pensamento de que encontraremos em Francavilla uma segunda Pátria.*

Santo Aníbal comunica os fatos aos benfeitores por meio do boletim “Deus e o Próximo”. Intensa e triste foi a despedida do navio que, da cidade que se perde no horizonte, leva os órfãos ao abrigo nas terras da Puglia.

*No dia 29 de janeiro do corrente ano, 1909, lá pelas cinco horas da tarde, todos os órfãos do nosso Orfanato Antoniano masculino, acompanhados por nós, sacerdotes, e por alguns irmãos e assistentes, e a metade das órfãs guiadas pelas irmãs, deixaram Messina. Atravessaram-se as ruas obstruídas por enormes montes de ruínas, e se transitou no meio das recentes barracas dos sobreviventes, que olhavam comovidos o rápido desfilar dos dois Orfanatos e, com os olhos umedecidos de lágrimas, viram aqueles órfãos, tanto amados em Messina, deixarem também eles a infeliz cidade! A partida com o navio foi triste para todos!*

*Adeus, praias messinenses; adeus bela cidade do Peloro,<sup>25</sup> derubada e imersa no pó! Adeus, queridos falecidos messinenses, que*

<sup>25</sup> Nota do Tradutor: Peloro é um nome que vem da Mitologia Grega. As montanhas da cidade e da Província de Messina se chamam “Monti Peloritani”. A ponta da

*dormis um sono interminável no túmulo das vossas próprias casas! Oh, quantas vezes estendestes a vossa mão beneficente para so-correr estes órfãos! [...] Adeus, Messina! Novas terras nos esperam, e esta pequena lareira de oração que ardia em ti, nos Orfanatos Antonianos, vai acender-se em outros lugares! Mas em ti não se apagará, não!*

*Eram estes, mais ou menos, os nossos tristes pensamentos, enquanto o ferry-boat (navio) a todo vapor abria caminho entre as ondas, e as ruínas de Messina desapareciam dos olhares!*

Segue a narração da viagem, as várias etapas até a chegada a Francavilla Fontana, no dia 31 de janeiro: *Quando o trem chegou à estação de Francavilla, o espetáculo foi extraordinário! O espírito generoso, expansivo, daquela cidade se afirmou em toda a sua extensão. O povo estava concentrado, tendo à frente as autoridades civis, militares e eclesiásticas, em expectativa. Várias associações marcavam presença com seus brasões e bandeiras. As damas de honra estavam prontas para acolher as órfãs. Aplaudia-se clamorosamente e se gritava: Viva os órfãos messinenses!*

*Ao descerem do trem, as órfãs foram recebidas pelas damas e os órfãos pelos senhores, e, assim, entrou-se na cidade em direção ao Paço Municipal. Mas foi necessário desviar um pouco o trajeto porque o diretor dos Orfanatos, Cônego Anibal Di Francia, fez questão de que os órfãos entrassem primeiramente na Igreja dos reverendos padres capuchinhos para agradecer a Deus Altíssimo e implorar antes de tudo a celeste proteção.<sup>26</sup>*

cidade se chama “Capo Peloro”.

<sup>26</sup> “Deus e o Próximo”, ano 2, n. 1 (08/12/1909), p. 2; citado por TUSINO T., *Anibal Maria Di Francia, Memórias Biográficas*, op. cit., p. 35-36.

## Em Francavilla Fontana e em Ória

10. Para os órfãos, o coordenador educacional de Francavilla colocou à disposição a metade do grande ex-convento das Escolas Pias. Para as órfãs, o senhor Ângelo Casalini, rico proprietário e industrial da cidade, cedeu uma de suas casas.

Em Ória, o bispo, Dom Antônio Di Tommaso, para receber as órfãs e as irmãs que ainda estavam em Messina, tinha posto à disposição uma grande parte do Mosteiro das Benedictinas. Iniciaram-se, então, oportunas reformas dos ambientes e, no dia 19 de fevereiro, procedeu-se à transferência. Se Francavilla acolheu com grande entusiasmo os órfãos, Ória não ficou atrás. Alguns dias antes da chegada das órfãs, o bispo organizou com sucesso uma passeata beneficente para recolher dinheiro, objetos e roupas aos refugiados messinenses.

Não estando ainda prontas as acomodações do Mosteiro São Bento, as órfãs e as irmãs foram acomodadas provisoriamente no Hospital Martini, onde as Filhas da Caridade se dedicaram às refugiadas messinenses por cerca um mês, até o Domingo de Ramos, 4 de abril de 1909, quando foram ao mosteiro.

A acomodação dos órfãos em Francavilla e em Ória não devia ser, de acordo com Santo Anibal, uma solução apenas provisória na espera da reconstrução de Messina. Desde a chegada em Francavilla, ele tinha em mente abrir novas sedes da sua Obra. No discurso feito em Francavilla Fontana, dia 31 de janeiro de 1909, para o ingresso dos órfãos na cidade, enquanto louva a acolhida recebida, afirma: *Preparai-vos para uma grande consolação. Vós vedes encaminhados na boa educação estas crianças. Vós tereis sempre dois*

*Orfanatos abertos não só para estes desterrados órfãos de Messina, mas para todos os órfãos presentes e futuros desta vossa nobre terra! Vereis uma florescente comunidade de Irmãs dedicar-se aqui para o bem das vossas filhas.*<sup>27</sup>

Acomodados os órfãos e as órfãs em Francavilla Fontana, e aberto o orfanato feminino em Ória, Santo Aníbal retomou as negociações para adquirir o convento de São Pascoal, em Ória. A intervenção do bispo junto aos proprietários, os irmãos Salerno Mele, foi decisiva para um bom contrato. Tratava-se da compra do ex-convento, terreno, igreja e jardim, que foi de propriedade dos Franciscanos Alcantarinos.

No dia 28 de setembro de 1909 Santo Aníbal tomou posse do imóvel, colocando-o, como de costume, sob a proteção dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Na manhã de quinta-feira, dia 6 de outubro de 1909, dois religiosos Rogacionistas, os irmãos Concetto e Carmelo Drago, com sete aspirantes,<sup>28</sup> partiram de Francavilla, a pé, e chegaram em Ória, no ex-convento de São Pascoal, para iniciar o curso escolástico, como se chamava, então, o seminário religioso. O início, narram as crônicas, foi difícil. Santo Aníbal dormia no chão. As refeições eram na cozinha, sobre uma mesa velha e tomada pelos cupins, mas reinava uma perfeita concórdia e um espírito de caridade fraterna. Em 1910 um acontecimento de natu-

<sup>27</sup> DI FRANCIA A. M., *Discursos*, p. 478.

<sup>28</sup> Eram José Drago, de Galati Mamertino (Messina), Agelindo Varotto, de Teolo (Padova), Pasquale Nisi, de Grottaglie, e José Brunetti, de Messina, provenientes todos da Casa de Messina. Mais Calogero Drago e Antonino Drago, de Galati Mamertino, e Domenico De Candia, de Altamura, que ingressaram em Francavilla no ano de 1909. Depois de alguns dias, juntou-se o jovem Leonzio Dell'Aquila, de Ória.

reza disciplinar, interpretado com hostilidade política por alguns da administração local, atingiu o Orfanato masculino hospedado em Francavilla Fontana, o que determinou o retorno dos órfãos a Messina, ocorrido em 30 de janeiro daquele ano.

11. No entanto, as duas Casas de Ória, São Bento para a Comunidade feminina e São Pascoal para a Comunidade masculina, encaminhavam-se para um progressivo desenvolvimento, distinguindo-se como dois polos da caridade, sob a atenciosa coordenação do Fundador e a constante presença do Pe. Palma. Os dois Institutos se caracterizaram, além da formação religiosa, pelo socorro a menores órfãos e pobres, e se tornaram uma verdadeira e própria oficina de artes e trabalhos, importantes ao sustento econômico das casas, mas, acima de tudo, à promoção humana e profissional das crianças e dos jovens hospedados.

A Obra de Santo Aníbal foi, assim, abrindo-se, embora entre dificuldades, a novos e mais amplos horizontes, alargando o raio de ação da caridade para crianças e jovens órfãos e pobres, e a difusão da oração para os bons operários. No discurso feito ao ingresso dos órfãos em Francavilla Fontana, já citado, ele disse: *Eis que em brevíssimo tempo vejo desenvolver-se uma nova fase ao meu redor, ao redor dos meus pobres Institutos.*<sup>29</sup> A temporária destruição dos Institutos de Messina projetou a Obra Rogacionista além dos confins da sua terra de origem. O duro golpe tornou-se evento providencial.

<sup>29</sup> DI FRANCIA A.M., *Discursos*, p. 469.

12. Um ano depois do terremoto, na edição do boletim “Deus e o Próximo” do dia 8 de dezembro de 1909, no balanço que Santo Aníbal faz sobre a situação das suas obras, pode-se notar dez Casas.

*A Divina Providência – ele escreve – dispunha que a imensa catástrofe fosse para os meus Orfanatos o início de uma maior ampliação. As nossas Casas, que antes do terremoto eram quatro, agora são dez, assim distribuídas:*

1. *Em Ória (Província de Lecce)<sup>30</sup> temos: a Casa da Comunidade dos sacerdotes, dos irmãos leigos e dos jovens com vocação à vida religiosa nos nossos Institutos, empenhados nos estudos. Esta Casa é um ex-convento muito grande, com chácara e bosque, num bom lugar.*

2. *Também em Ória foi erguida a Casa Mãe das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus, com a Superiora Geral, com irmãs, noviças e postulantes. Ao seu lado está localizado o Orfanato feminino.*

3. *Em Francavilla Fontana (Província de Lecce) temos o Orfanato Antoniano masculino, no ex-convento dos Escolápios, com sapataria, alfaiataria e banda musical.*

4. *Em Francavilla Fontana temos, ainda, um Orfanato Antoniano feminino de órfãs pequenas, onde se encontra uma bela imagem de Santo Antônio, ao qual levantam suas inocentes orações. E o santo, lá do céu, concede graças.*

5. *Em Messina, na nossa querida Pátria, temos, neste momento, a antiga Casa do Orfanato masculino, na rua “del Valore”, e uma*

*nova Igreja pública, que foi entre as primeiras a funcionar logo depois do terremoto.*

6. *Em Messina temos, também, a Casa do Espírito Santo, embora em grande parte destruída. Aqui abrigamos um bom número de órfãs sobreviventes dos terremotos, temos irmãs e postulantes. Já se iniciaram os trabalhos para a construção de barracos regulares, tendo conseguido as tábuas para esta finalidade.*

7. *Em Taormina temos um outro Orfanato Antoniano feminino dirigido pelas nossas irmãs, anexo a uma Igreja dos Padres Capuchinhos, onde se encontra um antigo quadro de Santo Antônio de Pádua em tamanho natural.*

8. *Em Giardini há uma residência das nossas irmãs, onde elas mantêm uma escola profissional para jovens do povo.*

9. *Em San Pier Niceto, Província de Messina, em 24 de outubro, dia consagrado ao Arcanjo São Rafael, por meio do Revmo. Pe. Vicario Foraneo Antonuccio, abriu-se, ao lado da Igreja de Nossa Senhora de Pompeia, por ele mesmo construída e por muitos anos dirigida, uma Casa residencial das nossas irmãs, com noviciado e laboratórios às meninas daquela cidade, com numerosa frequência.*

10. *Em Trani, conhecida cidade da Província de Bari e sede do arcebispado, com 40 a 50 mil habitantes, inclusive com o Tribunal de Recursos, o digníssimo e zeloso arcebispo, Dom Francisco Paulo Corrano, mediante contrato, cedeu um grande prédio às nossas irmãs, as Filhas do Divino Zelo.*

<sup>30</sup> Nota-se que até 1927 Ória fazia parte da Província de Lecce.

## **Segunda Parte: A redescoberta das origens**

*Observai, portanto, para agirdes conforme  
vos ordenou Javé, vosso Deus.*

*Não vos desvieis, nem para a direita, nem  
para a esquerda. Andareis em todo o caminho  
que Javé vosso Deus vos ordenou, para  
que vivais, sendo felizes e prolongando os  
vossos dias na terra que ides conquistar.*

*(Dt 5,32-33)*

*Observa, pois, os mandamentos, os estatutos e  
as normas que eu hoje te ordeno cumprir.*

*Se ouvirdes estas normas e as puserdes em prática,  
Javé teu Deus também te manterá a Aliança e o  
amor que ele jurou aos teus pais. Ele te amará, te  
abençoará e te multiplicará; abençoará também  
o fruto do teu ventre e o fruto do teu solo,  
teu trigo, teu vinho novo, teu óleo, a cria das  
tuas vacas e a prole das tuas ovelhas, na terra  
que prometeu aos teus pais que te daria.*

*(Dt 7,11-13)*

13. Após reviver este paradoxal capítulo da nossa história pelo testemunho do próprio Fundador, e ter visto como a Obra de Santo Aníbal, fundada sobre a confiança na Divina Providência, *cresceu e desabrochou* mesmo sob os sinais da destruição e da morte, volvemos o nosso olhar à missão Rogacionista que iniciava sua difusão fora dos confins da Sicília.

No contexto histórico atual no qual vemos a Congregação espalhar-se, embora em suas limitadas dimensões nos vários ambientes geográficos e culturais, e observamos em seu interior uma consistente diversificação dos próprios membros, por idade, proveniência, cultura e sensibilidade, emerge uma reflexão para verificar a correspondência ao ideal carismático e a sua realização, em vista de um oportuno discernimento no caminho a percorrer. Trata-se, afinal, da contínua atualização e impulso à missão.

Do 10º Capítulo Geral, em 2004, recebemos as diretrizes básicas para redescobrir e dar um novo impulso à *missão carismática no início do terceiro milênio*. Depois do acento dado à *consagração*, com a prioridade da *vida espiritual*,<sup>31</sup> a Congregação percebeu a necessidade de focalizar a *missão* como consequência natural de uma reflexão e de um compromisso que possuem em seu próprio desenvolvimento uma íntima coerência. A nossa é uma *vida consagrada apostólica*, que tem na missão, portanto, um componente essencial e determinante. Aliás, podemos dizer, fazendo referência à Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, que “*a pessoa consagrada está ‘em missão’ em virtude da sua própria consagração, testemu-*

<sup>31</sup> ER 16 (Escritos Rogacionistas 16, *Chamados a estar com Ele, o primado da vida espiritual* - Documento Final do 9º Capítulo Geral, São Paulo, 2000).

*nhada em conformidade com o projeto do Instituto*”.<sup>32</sup> Sendo assim, a prioridade dada à consagração, de forma natural, já nos orientava à missão.

## Renovar a missão apostólica do Instituto

14. No documento *Apóstolos do Rogate*, que o 10º Capítulo Geral nos deixou como guia, foram listadas várias instâncias que exigem hoje este empenho. Algumas se referem à nossa vida consagrada e sua expressão: *redescobrir a alegria da consagração, encontrar novas e mais profundas motivações carismáticas, restituir sentido à vida fraterna, favorecer a partilha e a participação no programa de vida comunitária*. Outras se referem ao próprio apostolado e nos interrogam, portanto, sobre as *novas formas de expressões do carisma, criativas, inculturadas e adequadas aos sinais dos tempos, sobre o significado da presença geográfica*. Outras, ainda, tratam sobre a *qualidade e a eficiência própria do apostolado, sobre projetos e programas, sobre preparação e formação permanente, sobre problemáticas estruturais do reequilíbrio das obras, sobre capacidade de partilha e colaboração com as Filhas do Divino Zelo e o laicato*.<sup>33</sup>

Diante da complexidade da situação em que vivemos, do ‘peso’ da nossa história e da tradição, dos recursos humanos e financeiros, das novidades que emergem, do mundo eclesial e social com o qual nos relacionamos, não é simples localizar um percurso seguro

<sup>32</sup> *Vita Consecrata*, 72.

<sup>33</sup> Cf. ER 22, n. 6 (Escritos Rogacionistas 22, *Apóstolos do Rogate, a missão dos Rogacionistas no início do Terceiro Milênio* - Documento Final do 10º Capítulo Geral dos Rogacionistas. São Paulo, 2004).

para redefinir e renovar a missão apostólica do Instituto. O próprio Capítulo se interroga: *Como e quando recuperar a dimensão profética de nosso carisma e de nossa missão? Em que modo a oração Rogacionista pode tornar-se incessante e universal? O que fazer para que nossa ação apostólica seja testemunho pessoal e comunitário do Evangelho do Rogate? É indispensável dar pleno significado à nossa linguagem através das palavras-chave que expressam a missão Rogacionista: rezar, anunciar, agir*.<sup>34</sup>

A nossa tarefa na Igreja é dada pela atualidade da missão que recebemos como dom do Espírito através de Santo Aníbal: ser testemunhas do evangelho, encarnando o “Rogate” de Jesus; participar de sua ação salvadora, estendendo seus gestos de salvação no viver a oração pelas vocações e sua difusão, no serviço de animação e orientação vocacional, na obra de promoção humana e cristã dos mais pobres, sobretudo no âmbito dos adolescentes e dos jovens.

Na “fidelidade dinâmica”<sup>35</sup> à missão recebida, somos chamados a dar uma resposta adequada às urgências da “messe abandonada”. Tudo o que o 10º Capítulo Geral propôs é um estímulo propício para refletir e redefinir a nossa identidade apostólica na Igreja. Tal identidade é, certamente, baseada sobre a história do Fundador e do Instituto, mas se constrói e se desenvolve no dia a dia. Isto implica uma compreensão renovada de nossa vocação Rogacionista, o reconhecimento da missão específica que nela se origina e o consequente compromisso para realizá-la. A nossa identidade carismática é resposta ao chamado recebido, que se torna sempre

<sup>34</sup> ER 22, n. 9.

<sup>35</sup> VC 37.

novo porque nos chega, em vários tempos e culturas diferentes, na escuta atual das moções do Espírito.

## **Avinhão, lugar teológico e carismático da Obra**

15. No documento *Apóstolos do Rogate* nos é oferecida uma pista que nos conduz a uma intuição de base e que, relida por ocasião do centenário do terremoto, em 2008, assume ulterior realce: *Recomeçar de Avinhão*. A expressão, evidentemente, não quer ser um slogan original que se torna nostálgica referência aos nossos inícios para recuperar entusiasmos adormecidos. É, ao contrário, como revela o próprio Capítulo, um convite a compreender novamente Avinhão como *lugar teológico e carismático que resume ânsias, projetos e realizações do nosso santo Fundador, ícone sempre vivo de nossa missão*.<sup>36</sup> Mais adiante explica: *Recomeçar de Avinhão significa recuperar a dimensão integral do serviço aos últimos, próprio da nova evangelização. Significa realizar a passagem da estagnação à profecia, da comunidade que gerencia o apostolado internamente para uma comunidade mais inserida e envolvida no contexto e na vida da Igreja local*.<sup>37</sup>

Avinhão, lugar histórico do nascimento da missão Rogacionista, na nossa consciência é ícone evocativo das nossas origens e inspirador de novos caminhos na história. *Há 30 anos esta Pia Obra dos interesses do vosso Coração* – afirma Santo Aníbal, em uma oração de 1912 – *aqui faz ressoar, nestes míseros lugares, o gemido desta oração (o Rogate), e daqui procura espalhá-la no mundo*

<sup>36</sup> ER 22, n. 8.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

*inteiro*.<sup>38</sup> Em Avinhão encontramos Santo Aníbal que *reza, anuncia e age*. Encontramos os seus primeiros discípulos que se reúnem em comunidade com ele, os primeiros colaboradores leigos. Encontramos os pobres, objeto das suas atenções caritativas e os primeiros companheiros na missão Rogacionista. Em Avinhão aprendemos as peculiaridades da nossa missão, colhemos os seus horizontes universais, a urgência do seu cumprimento.

### ***O Fundador, ícone vivente da missão Rogacionista***

16. Avinhão é indissolúvelmente ligado a Santo Aníbal. É aqui que ele vive e fala, é aqui que age, é aqui que se põe à escuta dos pobres e dos pequenos, busca as modalidades mais oportunas para elevar suas condições humana e cristã, é aqui que experimenta a urgência da escuta da palavra evangélica que será o respiro da sua vida, *Rogate!* É aqui, na escola dos pobres, que apreenderá a dar uma resposta concreta àquela palavra.

*Recomeçar de Avinhão* comporta e exige, portanto, primeiramente um “*retorno*” ao *Fundador*, ícone profético sempre vivo da nossa missão. Trata-se de um compromisso a um maior conhecimento dele, da sua história e dos seus escritos, a uma percepção sempre mais íntima da sua paternidade, a intensificação do seu culto, a recorrer à sua intercessão e a difusão de sua figura carismática. Todos componentes essenciais para uma frutuosa volta a Avinhão, onde encontrar, antes de tudo, Santo Aníbal.

<sup>38</sup> DI FRANCIA, A. M., *Escritos, Orações ao Senhor*, vol. 1, op. cit., p. 550. De uma oração para acolher a estátua do Sagrado Coração na igreja de Avinhão.

O Fundador, como primeiro destinatário do carisma do Rogate, é aquele que melhor o interpretou e realizou. Os seus escritos e as suas obras são, para nós, a primeira exegese do carisma. Voltando continuamente à sua vida e ao seu pensamento, colhemos os elementos essenciais da missão Rogacionista.

A canonização de Pe. Aníbal (16/05/2004), pelo envolvimento gerado em nossa Família religiosa, foi para nós ocasião providencial para redescobrir a dimensão mais alta da sua existência, que é a santidade. Esta graça nos faz encontrar o Fundador em uma nova dimensão e nos ajuda a criar um relacionamento novo com a sua pessoa, caracterizada pela invocação confiante, pela partilha de uma amizade espiritual e pela imitação de um caminho seguro de santificação. Enfim, percebemos o nosso Santo Fundador como companheiro de viagem, intercessor e modelo de vida evangélica. A publicação que está sendo realizada de seus escritos torna-se, para nós, um precioso meio para nos aproximar mais de sua pessoa.

17. O retorno a Santo Aníbal, iniciador carismático e mestre da missão Rogacionista, torna-se compreensão do seu modo de entender e viver o Rogate no seguimento de Cristo, descoberta do seu testemunho de vida e de estilo apostólico, admiração por seu zelo incansável, aquisição da sua mentalidade sempre aberta a amplos horizontes.

Temos a necessidade de elevar o olhar ao Fundador *para compreender, de modo mais profundo, a missão específica que ele nos confiou, a serviço da Igreja e da messe do mundo, e atuar nesta missão, com coragem e criatividade*.<sup>39</sup> E ainda: o *testemunho de*

<sup>39</sup> ER 22, n. 2.



*vida religiosa e sacerdotal de nosso Santo Fundador ajuda a encontrar novas motivações para uma reproposta da espiritualidade e do serviço apostólico dos Rogacionistas na Igreja para o mundo. Seu admirável exemplo de dedicação à causa do Rogate coloca-nos frente a seu olhar de fé voltado para a messe, que se torna oração para que o Senhor mande numerosos operários e nos transforme em Apóstolos do Rogate.*<sup>40</sup>

Devemos ter, portanto, continuamente presente o Fundador, não para olhar atrás, mas sim *para tornar atual a missão* e construir o futuro sobre as sólidas bases da *fidelidade dinâmica* e criativa ao carisma original que ele nos transmitiu. A pessoa de Santo Aníbal Maria Di Francia, de fato, permanece ponto de referência da fundação e paradigma para o nosso ser e o nosso agir enquanto Rogacionistas na atualidade.

## **Os primeiros discípulos, “pedras de construção”**

18. *Recomeçar de Avinhão* comporta, ainda, um retorno aos primeiros tempos da Obra, onde encontramos os primeiros discípulos que Santo Aníbal, de forma difícil, havia recolhido ao seu redor para transmitir e partilhar a mesma paixão apostólica. Pe. Francisco Bonarrigo, Pe. Pantaleão Palma, Pe. Francisco Vitale, Pe. Carmelo Drago, Ir. José Antonio Meli, Ir. Mariantonio Scolaro foram as *primeiras pedras da construção* que, ao lado do Fundador, partilharam o caminho e, acima de tudo, os incômodos e as dificuldades, intuíram as suas aspirações, de modo especial imitaram, interpretaram e continuaram suas escolhas e ideais. Com ele, e seguindo-o, foram

<sup>40</sup> ER 22, n. 7

os primeiros a percorrer aquele caminho de santidade que o Espírito abria por meio dele. Cada um, certamente com os próprios limites, mas acima de tudo com as virtudes e as qualidades que souberam colocar a total serviço da Obra. Tudo o que eles receberam e transmitiram do Fundador pertence à tradição da Congregação, que se enriqueceu de suas contribuições e exemplos.

Recomeçar de Avinhão, recordando-os, significa olhar a primeira Comunidade Religiosa Rogacionista, que se constituiu entre as casinhas dos pobres, e redescobrir o essencial no estilo de vida, espírito de família, alegria simples, dedicação incondicional e espiritualidade encarnada.

Embora nas penúrias que todo início comporta, a primeira Comunidade Rogacionista ao redor do Fundador vivenciou o providencial desenvolvimento de um carisma que, imenso em suas perspectivas evangélicas, começava a preencher de entusiasmo e de disponibilidade os corações de todos que o abraçavam.

## **Os pobres, primeiros destinatários do carisma Rogacionista**

19. Em Avinhão, com Santo Aníbal e os seus primeiros colaboradores, encontramos os pobres. Sabemos bem que para ele viver com os pobres e como os pobres não foi uma escolha de simples solidariedade humana ou apenas um compromisso social como resposta às emergências do tempo na sua cidade. Neles descobriu, em perspectiva de fé, a pessoa do Senhor Jesus e os primeiros destinatários do carisma Rogacionista, o terreno fértil onde a palavra evangélica do Rogate é acolhida, compreendida, vivida e impul-

sionada com grito poderoso que se transforma em súplica eficaz ao coração do Senhor da messe. Ele descobriu nos pobres o caminho da revelação do Rogate (cf. Mt 11,27; Lc 10,21). Reconheceu neles o “Dono da messe” ao qual nos dirigimos, com a oração e com o serviço da caridade. Percebeu em suas lágrimas e nas suas cruces o grito eficaz que obtém os “bons operários”.<sup>41</sup> Podemos dizer que eles foram os primeiros Rogacionistas.<sup>42</sup>

A opção preferencial pelos pobres, como sabemos, é uma exigência evangélica que a Igreja indicou como um dos objetivos prioritários da pastoral. Com certeza ela é tarefa dos religiosos porque – como afirma *Vita Consecrata* – a *sinceridade de sua resposta ao amor de Cristo os conduz a viver como pobres e a abraçar a causa dos pobres*.<sup>43</sup> Para nós, Rogacionistas, é, além do mais, exigência essencial do carisma.

Recomeçar de Avinhão quer dizer, conseqüentemente, trilhar hoje também um caminho de conversão em direção aos pobres. É necessário passar das declarações verbais à ações concretas de solidariedade e de partilha da vida com eles. *Estar imerso na realidade do pobre significa estar com ele, trabalhar com ele, aprender e se deixar evangelizar por ele. O apostolado entre os pobres e para os pobres ajuda os Rogacionistas a redescobrir e viver a dimensão da pobreza cristã, em saber distinguir entre supérfluo e necessário,*

<sup>41</sup> Cf. ER 16, n. 69.

<sup>42</sup> Cf. AUTORES VÁRIOS, *Oração e pobres na pastoral vocacional Rogacionista*, Atas do Convênio dos Operadores da pastoral vocacional dos Rogacionistas, Editrice Rogate, Roma 1995.

<sup>43</sup> VC 82.

a adquirir o sentido do provisório, e a perceber a dignidade e o valor da privação como caminho de ascese.<sup>44</sup>

### **Compreensão do Rogate e seu zelo**

20. *Retorno a Avinhão, retorno ao Fundador, retorno à primeira Comunidade Rogacionista e retorno aos pobres* quer dizer, enfim, *reapropriação do carisma* em sua especificidade e na sua força estrondosa à missão.<sup>45</sup> Significa adquirir, segundo a precisa linguagem de Santo Anibal, *a compreensão e o zelo*. “Compreensão”, que é o entendimento e a penetração da mente; “zelo”, que é adesão do coração e impulso à realização.

Para poder adquirir *a compreensão do Rogate e seu zelo* é necessário ter conhecimento claro e completo. A *Pesquisa* sobre a Congregação, feita há anos, revelava que esta, para alguns religiosos, aparece bastante incompleta e com lacunas. Há o risco de certa confusão sobre a identidade na qual são supervalorizados pormenores marginais, “fascinantes”, ou dentro de um modismo. Não se *distinguem adequadamente*, afirma-se, *entre aspectos centrais e aspectos marginais que se repercutem na partilha ou não de transformações recentes, e têm como consequência a subvalorização do componente inspirador e operativo que o carisma deve suscitar. (...) Prevalecem várias notificações apenas formais, pouco alinhadas com a acepção profunda de carisma, pois parecem*

<sup>44</sup> ER 22, n. 50.

<sup>45</sup> Cf. ER 22, n. 26.

aspectos bastante convencionais e contingentes, e se configuram como internos e místicos ou devotos.<sup>46</sup>

A pesquisa sugeria, à propósito, a necessidade de uma mais adequada assimilação do carisma através do estudo das fontes e a elaboração de um pensamento teológico sistemático.<sup>47</sup>

### Referência à história da Congregação

21. Podemos afirmar, certamente, que em nossa tradição a referência a Avinhão, como relação com o Fundador e sua história, para novamente compreender e novamente nos apropriar do carisma, foi quase constante, embora com diferentes acentuações. Este *retorno* teve um momento particularmente fecundo após o Concílio Vaticano II, que convidou as famílias religiosas a cumprirem uma necessária renovação para responder às exigências das *novas condições dos tempos*.<sup>48</sup> Naquele contexto, o 4º Capítulo Geral ordinário e especial,<sup>49</sup> de 1968, do qual comemoramos, em 2018, o 50º aniversário, e os sucessivos, foram decisivos para melhor determinar o *patrimônio* carismático do Instituto. Será conveniente continuar a fazer referência a eles para ulteriores desenvolvimentos e estudos.

<sup>46</sup> Cf. SCARVAGLIERI G., *Instâncias e perspectivas para uma missão carismática*, Roma, 2004, vol. I, p. 258-259.

<sup>47</sup> Cf. *Idem*, p. 258.

<sup>48</sup> Cf. PC 2ss.

<sup>49</sup> 4º CAPÍTULO GERAL, *Declarações e Decretos*, Roma 1969.

## Terceira Parte: No passo com os sinais dos tempos

*O Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois, à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir. E lhes dizia: “A colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita. Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros entre lobos.”*  
(Lc 10,1-3)

Da reflexão sobre as nossas origens para um resgate e um novo impulso do ideal e do zelo apostólico que animaram o Fundador e os seus primeiros seguidores, desejamos, agora, evidenciar algumas orientações que poderão guiar o compromisso de renovação e atualização da nossa missão num processo de “fidelidade dinâmica”. Guiaremos-nos pelo magistério da Igreja e da Congregação, mas nos deixaremos, acima de tudo, interpelar pelos novos desafios que emergem da sociedade atual.

## Ler os sinais dos tempos

22. Uma primeira orientação, indicada também por São João Paulo II, na sua *mensagem* ao 10º Capítulo Geral, é a análise atenta das necessidades do mundo e da Igreja à luz do evangelho do *Rogate*. *A “aldeia global”, em que se transformou o planeta, oprimido por uma rede de comunicações e de interesses políticos, econômicos e sociais, não raro em conflito entre si, revela uma necessidade extremamente urgente de trabalhadores da reconciliação, testemunhas da verdade que salva e construtores da única paz verdadeira e duradoura, fundamentada sobre a justiça e o perdão.*<sup>50</sup>

Para anunciar e testemunhar eficazmente o evangelho do *Rogate*, hoje, é necessário encarnar-se na vida e na cultura da sociedade atual, conhecer bem as suas linguagens, as orientações, as dúvidas e esperanças, as sombras e luzes; colher os sinais que anunciam o futuro e alimentam a esperança num mundo novo, que é, contemporaneamente, dom de Deus e empenho do ser humano.

<sup>50</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem ao 10º Capítulo Geral*, n. 3. In.: ER 22, p. 60.

Encontramo-nos, de fato, numa realidade complexa, onde é necessário fazer uma leitura cuidadosa das situações e circunstâncias.

Ler os sinais dos tempos nos leva a conhecer, interpretar, discernir as *alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias atuais, dos pobres, acima de tudo*,<sup>51</sup> que vão se manifestando no contexto social. Vivemos na era da globalização, numa época de contínua evolução. Verificam-se transformações evidentes nas relações humanas e sociais, nas organizações e instituições, nas dinâmicas econômicas, nas orientações políticas, no declínio das ideologias, no aumento do indiferentismo, com margens sempre maiores de desconhecimento do passado e de incerteza para o futuro. As mudanças atingem o relacionamento entre pessoas e instituições, as relações recíprocas, os critérios de julgamento e escolha, os valores aos quais se refere, as religiões e as concepções de vida. Mudou o mundo que pensávamos conhecer e no interior do qual ocupávamos um espaço e uma missão bem visíveis e reconhecidos.

Tomar consciência de estarmos vivendo num tempo de mudança de época e compreendermos tudo o que acontece ao nosso redor, permite não sofreremos passivamente com a realidade. Devemos também nos dotar de instrumentos para tentar compreendê-la e enfrentá-la com competência, otimismo e confiança. Os desafios provenientes dos contextos sociais e culturais nos chamam a prestar nova atenção a uma contínua renovação, a repensar os critérios de atualização, as prioridades e os projetos apostólicos, por sua natureza provisórios e circunscritos no tempo, escolhendo particulares setores a privilegiar e nos quais investir os recursos disponíveis.

<sup>51</sup> GS 1.

23. Ler os sinais dos tempos nos empenha a estar presentes e comprometidos na vida da Igreja, participando ativamente de sua missão evangelizadora, ouvindo sua voz, seguindo seu ensinamento, partilhando seu caminho, traduzindo-o e expressando-o segundo a nossa especificidade carismática.

No anúncio perene do evangelho a Igreja encontra-se empenhada em várias frentes: o diálogo com um mundo sem paz, que propõe uma cultura positivista, relativista e amplamente descristianizada; a defesa da vida e a promoção da família; o caminho ecumênico e o diálogo com as outras religiões; a armadilha das seitas; o desafio sempre atual da *missio ad gentes*; a promoção da justiça e o cuidado da criação.

No moderno caminho da Igreja devemos saber discernir algumas realidades que nos interpelam, como: a especificidade das necessidades e das escolhas pastorais das Igrejas particulares, continentais e nacionais, nas quais estamos inseridos; o protagonismo crescente dos movimentos eclesiais; o papel sempre mais determinante dos leigos no interior das comunidades cristãs.

24. Como religiosos devemos evidenciar, também, a atual crise dos valores e dos significados da vida consagrada, que se depara com situações inéditas, na Igreja e na sociedade, correndo o risco de ser colocada à margem. Crise esta que, dentro de uma consciência de complementaridade das várias vocações na Igreja, deve ser considerada como transitória e como oportunidade para adquirir uma mais sólida identidade, também através de abertura a novos e comuns horizontes apostólicos.

No âmbito destas problemáticas globais a nossa contribuição deve acontecer essencialmente em nível de Igreja local e regional, onde as comunidades vivem em comunhão e em sinergia com os organismos eclesiais e sociais, mediante a proposta simples e convicta da nossa missão carismática.

A atenção às problemáticas da sociedade e à vida da Igreja, vividas e enfrentadas num determinado território, além do mais, é um ensinamento que nos vêm diretamente do testemunho do Fundador, empenhado – inicialmente em Avinhão e, depois, em outros lugares onde implantou a sua Obra – a dar respostas concretas, renovadoras e proféticas às situações de pobreza e de necessidade, muitas vezes, também, com públicas denúncias.<sup>52</sup>

25. O 10º Capítulo Geral ofereceu uma rápida leitura das várias situações sociais e culturais nas quais vive a Congregação, focalizando alguns aspetos emergentes em relação ao apostolado carismático. Para o Ocidente evocou, no contexto da secularização e da pós-modernidade, a crise da dimensão religiosa com as tristes consequências em nível juvenil e vocacional, e as consequentes emergências formativas que se perfilam. No Oriente se constatou a manifestação de uma sociedade multiétnica, multicultural e multirreligiosa, com situações de pobreza que oferecem significativas oportunidades no campo da caridade e da educação. Aqui a riqueza das vocações exige maior atenção ao discernimento e renovado empenho formativo.

Para o continente sul-americano foram evidenciadas a vivacidade da religiosidade popular, mas também a persistência de estru-

<sup>52</sup> Recordamos o acontecimento da “Caça aos Pobres”, de Messina, e a intervenção num jornal da cidade de Bari para as crianças desamparadas da cidade. Cf. DI FRANCIA, A. M., *Escritos*, vol. 41, doc. 3463.

turas injustas na sociedade, que exigem denúncia corajosa e profética ao lado dos pobres. A dolorosa experiência na África Central, enfrentada no passado pela Congregação, solicitou-nos atenção a um renovado compromisso de evangelização, de socorro aos pobres e de reconciliação.

O Capítulo concluía afirmando que, como Rogacionistas, na nossa atividade apostólica nestas realidades sociais, culturais e religiosas, somos chamados a nos confrontar com as diferentes problemáticas nos ambientes e nas culturas, com nossa missão carismática.<sup>53</sup> O convite é para sermos comunidades atentas em descobrir a mão de Deus nos sinais dos tempos, nos acontecimentos, nas necessidades humanas e sociais e, acima de tudo, no rosto dos pobres.

## Inculturar a missão

26. No contexto da reflexão sobre as diferentes realidades Rogacionistas da atualidade, insere-se o *tema-problema* da inculturação do carisma nas várias áreas geográficas, como processo já vivido pela Congregação. A ela tinha prestado particular atenção o 8º Capítulo Geral (1992), com um articulado documento onde, em conformidade à Encíclica de João Paulo II sobre o mandato missionário, *Redemptionis Missio*, estão indicados critérios, princípios, e passos a cumprir.<sup>54</sup> A ela referiu-se também a citada *Pesquisa sócio-religiosa*, sugerindo uma *metodologia de inculturação que faça o Instituto*

<sup>53</sup> Cf. ER 22, n. 27.

<sup>54</sup> 8º CAPÍTULO GERAL (1992), *Documentos*, 172-213.

*mais capaz de mergulhar no contexto concreto para tornar sua presença mais atual, eficaz e válida.*<sup>55</sup>

Este processo apresenta-se, ao menos, com duas grandes tarefas: a primeira é a de integrar o carisma do Rogate nas linguagens e nas categorias das culturas onde estamos presentes; a segunda – semelhante à primeira, mas com diferente ponto de vista – é fazer com que a riqueza do carisma se torne cultura viva nos mesmos contextos culturais.

27. A inculturação, todavia, para não se transformar em *fragmentação e depauperamento do carisma, deve equilibrar-se na busca da unidade na diversidade.*<sup>56</sup> É necessário, por isso, com um atento *discernimento* aos *tempos* e *ritmos diversos*, continuar no caminho iniciado. É um compromisso que todos partilhamos, mas que pertence acima de tudo aos coirmãos que proveem das novas fronteiras da Congregação. A nossa Normativa leva em conta este processo, oferecendo orientações e disposições em mérito.

A dimensão da inculturação do carisma numa particular área geográfica, como se costuma dizer, deve conjugar-se com uma consciência e visão internacional e intercultural, típica da vida religiosa que faz experiência de comunidades pluriculturais e é aberta à universalidade da missão.

Para favorecer um correto processo de inculturação do carisma e a aquisição de uma consciência de unidade na Congregação, são importantes o conhecimento dos lugares do Fundador e da origem

<sup>55</sup> Cf. SCARVAGLIERI, *Instâncias ...*, vol. I, op. cit., p. 266.

<sup>56</sup> Cf. ER 22, n. 25.

da nossa Obra, o intercâmbio e a partilha das experiências espirituais e apostólicas e a educação à disponibilidade missionária. Justamente nesta linha devem ser promovidas iniciativas, algumas já encaminhadas, como o aperfeiçoamento dos estudos no país de origem da Congregação, os encontros internacionais em âmbito de governo e de formação, também nas várias áreas geográficas, a criação de estruturas e organismos de estudo e de intercâmbio cultural de natureza internacional a serviço de toda a Congregação. Tal intercâmbio é favorecido pelo conhecimento das línguas e da oportuna utilização dos meios de comunicação.

### ***Dimensão cultural e profissional***

28. A nossa missão hoje é colocada diante de inúmeros desafios que devem ser enfrentados com uma renovada atenção à dimensão cultural da formação inicial e permanente. Para conhecer a realidade, interpretar as necessidades, discernir as escolhas e agir, é necessário “cultura”.

A cultura, porém, não se esgota na bagagem de informações e de conhecimentos, não é somente elaboração teórica do saber, mas é aquisição de maturidade interior que se manifesta na disponibilidade ao diálogo e à confrontação, entendidos como acolhida das pessoas, encontro entre culturas e opções de vida, equilíbrio e sabedoria no julgamento. Características estas que, formadas pela dimensão da fé, tornam-se testemunho profético.<sup>57</sup>

Nesta perspectiva, o próprio carisma Rogacionista oferece-nos a oportunidade de elaborar uma proposta cultural certamente váli-

<sup>57</sup> Cf. CALÒ A., *Relatório ao Capítulo Provincial, PICN*, 2007.

da. Na concepção hodierna onde o ser humano se designa “sem vocação”, somos chamados a promover e a difundir, no espírito da oração pelas vocações, uma cultura vocacional na qual todo homem e toda mulher possa redescobrir o valor da sua existência como ser original e não repetível para um projeto de vida traçado pelo Criador. No âmbito eclesial esta proposta deve tornar-se um serviço para todas as vocações e ministérios na Igreja, com particular referência às de especial consagração.

No espírito de Santo Aníbal a nossa proposta cultural abre-se também a uma pedagogia vocacional que, enquanto é atenção e solidariedade para todo ser humano, especialmente aos excluídos e marginalizados, educa a uma progressiva tomada de consciência da própria dignidade humana e a um incremento de responsabilidade na vida.

Fazer Cultura Rogacionista significa, portanto, viver a oração pelas vocações que, enquanto implora da misericórdia do Senhor os operários para o Reino, compromete-se a doar a si mesmo para ser um bom operário na descoberta e realização da própria vocação, promovendo a dignidade vocacional de toda pessoa, acima de tudo dos marginalizados e pobres.

29. Para alcançar estes objetivos é necessário insistir sobre a qualificação da dimensão cultural na formação inicial, orientando à aquisição das competências “profissionais” Rogacionistas. Isto significa atenção à qualidade da escola, à escolha dos locais de estudo e ao encaminhamento dos jovens à pesquisa acadêmica.

Também no que concerne à formação permanente, ordinária e extraordinária, deve-se continuar as iniciativas capazes de manter

sempre vivo o interesse e a curiosidade pela cultura. Recordo, entre estas, os *cursos quinquenais* organizados em nível central, os frequentes *congressos de estudo*, o *Centro de Estudos Rogacionistas* com a revista *Studi Rogazionisti*, que pesquisa e estuda o carisma, a história e a espiritualidade Rogacionista, e as iniciativas das Circunscrições, especialmente nos vários setores de competência.

Acrescento, além do mais, a exigência de cultivar o aprofundamento da história e da espiritualidade da Congregação, o gosto da atualização cultural pessoal, que faz referência ao próprio campo do apostolado, mas que saiba também abrir-se à compreensão dos grandes temas que interessam à cultura de hoje, lidos na perspectiva carismática.

## O mundo da comunicação

30. Já tivemos a oportunidade de tratar sobre o tema da comunicação em 2008 por ocasião do centenário do periódico *Deus e o próximo*. Aconselho, para um aprofundamento das problemáticas que estão interligadas, a leitura do texto.<sup>58</sup>

Desejo, agora, apenas lembrar como o conhecimento do mundo da mídia seja relevante ao compromisso de renovação da missão. Não se trata somente de meios a utilizar para transmitir e difundir uma mensagem, mas de uma verdadeira e específica cultura com a qual somos chamados a nos confrontar na nossa vida de consagração e para o apostolado que desenvolvemos. Sentimos que a comunicação atual, como influente também na vida de nossas co-

<sup>58</sup> NALIN G. & GUERRERA D., *Deus e o Próximo, a comunicação do Rogate ontem e hoje*, São Paulo, 2019.

munidades, representa um desafio e um recurso, e apresenta preciosas oportunidades que exigem, ao mesmo tempo, discernimento e adesão atenta. A cultura midiática nos interroga sobre a nossa capacidade de viver e comunicar uma experiência de fé autêntica, a escolha de vida consagrada que fizemos, a missão carismática que recebemos.

A tecnologia digital, com as novas linguagens comunicativas que produziu, é o areópago moderno<sup>59</sup> no qual somos também chamados a nos confrontar e a anunciar os nossos ideais carismáticos, conscientes das potencialidades, mas também dos limites e dos riscos que apresenta,<sup>60</sup> na certeza que ela continuará a incidir sempre mais nos modelos comunicativos e a renovar valores culturais e antropológicos.

31. Diante dos desafios da tecnologia, é bom não deixar de lembrar e revalorizar, todavia, duas dimensões da comunicação da fé e do carisma que são certamente mais imediatas e indispensáveis. Antes de tudo, a relação interpessoal, que é constituída pelo encontro, pela presença e proximidade: nela se realizam o anúncio e a partilha. Em segundo lugar, o testemunho da própria vida: a radicalidade evangélica, a fidelidade à própria vocação, a alegria da vida fraterna em comunidade e a disponibilidade às exigências da missão. De um ponto de vista comunicativo estas dimensões são muito mais importantes do que os *sites*, as emissoras de rádio, televisão ou jornais que utilizaremos, conscientes de que, sem elas, mesmo aquilo que produzimos com os instrumentos de comunicação não alcançará os efeitos por nós esperados. A força destas

<sup>59</sup> Cf. RM, 37

<sup>60</sup> Cf. NALIN G. & GUERRERA D., *Deus e o Próximo*, op. cit., p. 50.



dimensões é insubstituível, embora possam ser refinadas pela inovação tecnológica.

A propósito dos instrumentos de comunicação, acrescento, enfim, que as indicações apresentadas, particularmente na terceira parte do livro,<sup>61</sup> podem ser pista e estímulo para um compromisso na comunicação, que seja fruto de atenta formação, expressão de testemunho pessoal e comunitário de fé e consagração.

## A dimensão comunitária

32. Ulterior orientação é a recuperação da *dimensão comunitária da missão*. A vida fraterna em comunidade é um dos elementos constitutivos do nosso estilo de vida consagrada. E a construção de comunidades fraternas constitui-se num empenho fundamental. Ela, portanto, distingue e qualifica a nossa consagração e missão.

*Santo Aníbal delinea* – indicava o 10º Capítulo Geral – a *vida religiosa rogacionista a partir do espírito de família que deve caracterizá-la e ser pressuposto para a atuação da missão*.<sup>62</sup> Mais adiante, o mesmo Capítulo acrescenta que: *a comunidade religiosa, como lugar e sujeito da missão, projeta a atividade apostólica para que seja resultado de um diálogo e expressão da comunhão fraterna*; enfim afirma que: *a missão, por outro lado, influencia e caracteriza a vida fraterna em comunidade*.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> Cf. *Idem*, p. 69-80.

<sup>62</sup> Cf. ER 22, n. 20.

<sup>63</sup> Cf. ER 22, n. 21.

Brevemente é assim evidenciada a necessária relação entre vida fraterna em comunidade e missão: a primeira é *pressuposto, sujeito e lugar* de exercício da segunda, e esta *caracteriza e influencia* a expressão da primeira.

33. Como recorda a Instrução sobre o *Serviço da autoridade e a obediência, Faciem tuam* (11/05/2008), devemos, antes de tudo, afirmar que a *tendência a formar comunidades fraternas não é somente preparação à missão, mas parte integrante dela, do momento que “a comunhão fraterna, enquanto tal, é já apostolado”*.<sup>64</sup> A primeira tarefa missionária da comunidade, o seu primeiro apostolado é, portanto, o de redescobrir em seu interior a importância da dimensão relacional, a atenção ao valor da abertura ao outro, a fecundidade dos relacionamentos recíprocos e o enriquecimento que acontece em cada um. O compromisso, portanto, é o de construir uma fraternidade autêntica, que é acolhida e confiança recíproca, paciência, mútua compreensão, comunicação e diálogo entre pessoas, diferentes por idade, cultura, experiência, problemáticas e mentalidade. *A espiritualidade de comunhão*, indicada à Igreja como seu específico clima espiritual no início do terceiro milênio (NMI 43), define-se como tarefa específica da vida consagrada, antes de tudo em seu interior, para se tornar, portanto, também no exterior boa notícia e testemunho evangélico, contracultura numa sociedade egoísta e em conflito.<sup>65</sup>

<sup>64</sup> CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA (CIVCSVA), *O Serviço da Autoridade e A obediência, Faciem tuam, Domine, requiram*, (2008), n. 22.

<sup>65</sup> Cf. *Partir de Cristo*, 28.

À comunidade, que *não está voltada para si mesma, mas se faz anúncio, diaconia e testemunho profético*,<sup>66</sup> são confiadas obras apostólicas a cumprir. Estas, embora com a gestão regulada através das competências estabelecidas pelos superiores, devem ser - como reafirmou o 10º Capítulo Geral - o *resultado de um sentir partilhado* e expressão da comunidade. A *Pesquisa*, já citada antes, sublinhava esta exigência, recomendando os princípios de *projetos partilhados e colegiais, de participação*, que postula um envolvimento não ocasional mas sistemático e orgânico nos vários níveis, e, enfim, da *comunicação* no interno da comunidade.<sup>67</sup>

34. A elaboração do *programa de vida comunitária*, indicado muitas vezes nestes anos e evidenciado no *Projeto de Formação Permanente Rogacionista*,<sup>68</sup> juntamente com a correta utilização dos organismos de comunhão próprios da nossa tradição (Conselhos de Família, de Casa, etc.), são certamente instrumentos que consentem alcançar estes objetivos. Deve ser evidenciado, neste âmbito, o *discernimento espiritual comunitário*, que, antes mesmo de um procedimento a adotar para as decisões mais importantes, deveria ser um espírito com o qual se vivencia todo processo de organização e decisão da comunidade. Na Instrução já citada, *Facem tuam*, são oferecidas resumidas, mas úteis, indicações práticas para a atuação deste compromisso que essencialmente é concluído na busca da vontade de Deus, à luz da sua Palavra. Isso prevê uma série de importantes atitudes que vão da disponibilidade à lógica evangélica, à atenção aos sinais dos tempos, da escuta do irmão à liberação de preconceitos, etc.<sup>69</sup>

<sup>66</sup> *A vida fraterna em comunidade*, n. 58.

<sup>67</sup> Cf. Cf. SCARVAGLIERI, *Instâncias ...*, vol. I, op. cit., p. 262-264.

<sup>68</sup> Cf. ER 19.

<sup>69</sup> Cf. *Faciem tuam*, 20 e.

35. Uma problemática ulterior relativa à comunidade em missão refere-se ao equilíbrio entre momentos de vida comum e empenho apostólico. Se é errado contrapor os dois aspectos, não é fácil harmonizá-los. O documento *A Vida fraterna em Comunidade* observa que esta pode ser uma tensão fecunda da vida consagrada, chamada a assumir a *tarefa de fazer crescer, contemporaneamente, seja o 'discípulo' que deve viver com Jesus e com o grupo daqueles que o seguem, seja 'o apóstolo' que deve participar da missão do Senhor*.<sup>70</sup> A superação, contudo, deve ser procurada com uma renovada referência à Regra e no âmbito dos organismos de comunhão, onde é possível individuar e concordar modalidades compatíveis para viver os tempos comuns,<sup>71</sup> na consciência clara de que um *ativismo exacerbado, uma gestão às vezes individualista das obras, a perda de motivações profundas acabam, muitas vezes, por contrapor indevidamente a vida fraterna em comunidade às exigências do apóstolo*.<sup>72</sup> Algumas regras devem ser respeitadas por todos, irrenunciáveis. Isso garante, simultaneamente, um espírito de fraternidade na comunidade apostólica e uma sensibilidade apostólica na vida fraterna. Ajuda a salvar a unidade da vida e garante o justo equilíbrio entre o tempo dedicado à oração e o tempo dedicado ao trabalho, entre compromisso e repouso, entre formação pessoal e formação comunitária.

36. No contexto da vida fraterna, enfim, emerge a importância da função do superior, chamado a ser *ponto de coordenação do dina-*

<sup>70</sup> *A Vida fraterna em comunidade*, 59c. Cf. também ER 22, n. 24, onde se afirma que a *busca deste equilíbrio em comunidade pode se tornar eficaz instrumento para a autoformação e a interação formativa*.

<sup>71</sup> Cf. ER 16, n. 71; ER 19, n. 53.

<sup>72</sup> ER 22, n. 21.

*mismo apostólico da comunidade*.<sup>73</sup> Também aqui me limito a sugerir a leitura da Instrução *Faciem tuam*, que se constitui na mais recente acentuação do Magistério sobre o serviço da autoridade na vida consagrada, não só em função do crescimento da fraternidade, mas também no seu relacionamento com a missão a desenvolver. Desejo apenas acrescentar que, em ordem à missão, a tarefa do superior não se reduz à simples coordenação funcional, mas favorece a valorização e a contribuição de todos na programação comunitária e de setor, promove e sustenta o empenho de cada um na ação, indicando e avaliando os objetivos.

37. Cientes, segundo o ensinamento do Padre Fundador (cf. *Declarações e Promessas*, VII), da decisiva importância da vida fraterna em comunidade para a própria vida do Instituto e de sua missão, é necessário novamente reafirmar a nossa disponibilidade pessoal e comunitária em vista de sua construção, para favorecer um autêntico *espírito de família*, que qualifique como evangélicas as nossas relações interpessoais, na acolhida e na confiança recíproca.

No nosso cotidiano deve emergir que, o que nos une não é somente o apostolado e sua eficácia, mas o chamado comum a expressar o carisma. Isto requer acolhida recíproca, uma boa coordenação das atividades e o desenvolvimento da corresponsabilidade e da partilha na gestão da vida e das atividades apostólicas. O envolvimento de todos na missão está ligado ao testemunho da unidade e não somente aos serviços que prestamos. Viver a fraternidade nos nossos relacionamentos será um renovado sinal da presença de Deus na nossa vida, dará credibilidade ao nosso testemunho e força

<sup>73</sup> ER 22, n. 22.

à nossa missão.<sup>74</sup> Somos, todavia, conscientes que a construção da comunidade não é fruto de simples esforço humano, mas dom do Espírito, que deve ser constantemente invocado; é realidade em contínua e paciente construção, onde requer o empenho e a disponibilidade de cada um.

## Missão do Instituto e projeto pessoal

38. Uma outra reflexão, além das considerações sobre a comunidade para a missão, é aquela relativa ao nexos entre a própria missão da Congregação e os projetos pessoais. Vivemos, mais ou menos, em todas as latitudes, num contexto cultural e social onde emerge a centralidade da pessoa com sua vocação e seus dotes intelectuais, afetivos e espirituais, com sua liberdade e capacidade relacional. Põe-se em evidência a subjetividade, a realização de si e dos próprios projetos. Às múltiplas consequências positivas que tal concepção põe em ação, se contrapõem hoje o frequente fenômeno do individualismo e do egoísmo pessoal e grupal. No que se refere a nós, enquanto religiosos, o realce cultural da centralidade da pessoa teve na vida consagrada efeitos decididamente positivos. Este promoveu uma renovada atenção à pessoa de cada religioso, à sua subjetividade, à valorização e realização de cada um, a uma concepção evangélica do relacionamento entre autoridade e obediência, às dinâmicas do diálogo, ao envolvimento na corresponsabilidade etc.. Todavia, devemos reconhecer que quando se perseguem projetos pessoais mesmo positivos, mas separados do confronto e da análise

<sup>74</sup> A Conferência dos Superiores e Conselhos de Circunscrição de 2008, que tratou o tema da *comunidade para a missão*, ofereceu úteis orientações que convido a ler. Ver Carta Circular, Prot. 200/08, de 01/07/2008.

dos superiores e da comunidade, ou quando se manifesta a indisponibilidade não motivada à missão indicada pelos superiores, há o risco de incorrer no individualismo e, conseqüentemente, de se por em contraste com o projeto missionário do Instituto. É necessário recuperar, portanto, o bom equilíbrio entre pessoa e instituição, realização de si e projeto apostólico comunitário, entre religioso e comunidade.

39. *Faciem tuam* enfrentou este problema reconduzindo a missão no relacionamento entre *autoridade/obediência ao seu fundamento teológico: o Senhor Jesus nos faz compreender, com a sua própria forma de vida, que missão e obediência mutuamente se implicam. Nos Evangelhos, Jesus se apresenta sempre como “o enviado do Pai para fazer a sua vontade” (cf. Jo 5,36-38; 6,38-40; 7,16-18); Ele só faz o que ao Pai é agradável. Pode-se dizer que toda a vida de Jesus é missão do Pai. Ele é a missão do Pai. E conclui: Considerando que Cristo, em sua vida e sua obra, foi sempre o amém (cf. Ap 3,14), o sim (cf. 2Cor 1,20) perfeito dito ao Pai, e que dizer sim significa simplesmente obedecer, é impossível pensar na missão a não ser em relação com a obediência. Viver a missão implica sempre ser enviado, e isso implica a referência, seja Àquele que envia, seja ao conteúdo da missão a desempenhar. Portanto, sem referência à obediência, o próprio termo missão torna-se dificilmente compreensível e expõe-se ao risco de ver-se reduzido a algo referente apenas ao indivíduo mesmo. Sempre há o perigo de reduzir a missão a uma profissão a exercer em vista da própria realização e, portanto, a administrar mais ou menos em proveito próprio.*<sup>75</sup>

<sup>75</sup> *Faciem Tuam*, n. 23.

A missão que abraçamos com a consagração religiosa necessita hoje de pessoas interiormente livres de interesses subjetivos, dispostos a deixar tudo para seguir o Senhor, lá onde chama a testemunhar o seu evangelho. Tal liberdade e disponibilidade se alcançam antes de tudo mediante um caminho espiritual que saiba colocar ao centro da própria vida o Senhor Jesus, o qual nos interpela e nos educa todo dia com seu exemplo e sua Palavra, ouvida, aprofundada e rezada, com sua presença vivificante na Eucaristia e em tantos irmãos e irmãs que nos chama a servir. Liberdade e disponibilidade para a missão são fruto daquela indispensável bagagem cultural e profissional que nos leva a entrar em diálogo com os homens e as mulheres de hoje e anunciar a eles o evangelho de Jesus Cristo.

### Por um caminho comum

40. Vivemos há quase 20 anos a realidade da descentralização, sinal do desenvolvimento do Instituto, que foi espalhando-se em várias áreas culturais. A descentralização, além de responder às exigências estruturais, constitui uma forma privilegiada de participação responsável ao “governo” da Congregação, numa linha de comunhão eclesial. A experiência está possibilitando uma maior partilha das problemáticas globais e locais, atenção específica ao território e às suas instâncias, impulso para propostas rumo a novos horizontes, promoção da inculturação do carisma, etc..

A descentralização impôs um novo estilo no exercício do governo em vários níveis. Ao Governo Geral foi confiada a tarefa da garantia e tutela do carisma, da orientação geral do Instituto, da atenção ao seu desenvolvimento, da indicação, do estímulo e controle de seu projeto carismático, tendo presente as instâncias locais

e as diferenças culturais como riqueza do Instituto. Tem a tarefa de se responsabilizar e cuidar da unidade da Congregação, de sua comunhão orgânica, do sentido de pertença das Circunscrições e dos Coirmãos; promover e guiar a inculturação do carisma; manter e animar o diálogo com os Superiores de Circunscrição e seus Governos; garantir a eles a justa autonomia, construir com eles a “gramática do consenso”. As Circunscrições, pela própria natureza, expressam em seu âmbito grande parte destas funções em união subsidiária com o Governo Geral, dedicando-se ao imediato da vida e do apostolado da Circunscrição. O Superior de Circunscrição, em particular, é chamado com seu Conselho a acompanhar mais diretamente os religiosos e as Comunidades, e a comprometê-los no projeto apostólico da Circunscrição, que é, antes de tudo, realização do projeto global.

Neste caminho relativamente novo para a Congregação, para conjugar unidade e pluralismo tentam-se superar, na reforma da normativa em ato, possíveis dificuldades devidas a uma legislação que foi progressivamente se definindo.

Desde o início do processo de descentralização manifestou-se a preocupação que não viesse a faltar a unidade, o recíproco conhecimento e, em definitivo, o *espírito de família* no interior da Congregação. Por isto se procurou criar Circunscrições que previssem uma interação recíproca. A assim chamada *estrutura aberta*, codificada pela normativa atual,<sup>76</sup> tende certamente também a salvaguardar este valor, com o intercâmbio de religiosos para serviços específicos entre Circunscrições e a possibilidade de opção para outra Circunscrição. Todavia o conceito pode ser ampliado também na

<sup>76</sup> Cf. *Normas*, 163; ER 16, n. 74.

colaboração e nos entendimentos para iniciativas em vários níveis: da formação ao apostolado.

Na perspectiva de expressar uma missão inculturada e que responda às efetivas exigências do território, é necessário repropor a preocupação comum da unidade, que, segundo a função específica em vários níveis, somos todos chamados a servir para que “*a diversidade se torne riqueza na unidade*”.<sup>77</sup>

Na dinâmica das relações é necessário, por parte de todos, estar atento ao projeto carismático comum como objetivo primário para harmonizar os programas e as exigências de cada Circunscrição, sem mortificar a sensibilidade e a autonomia. Por *projeto comum* entendo, antes de tudo, a realização mais geral da nossa vocação ligada ao carisma a nós deixado pelo Fundador. Expressa-se na regra de vida e em nosso apostolado, e têm como base as Constituições e as Normas. Especificadamente me refiro ao caminho que a Congregação faz de tempo em tempo, evidenciando metas a alcançar, estabelecendo prioridades e perspectivas a realizar no âmbito da consagração e da missão. Em particular, evidencio a exigência que as metas a alcançar, assim definidas, façam efetivamente parte de uma programação concreta responsabilmente partilhada em todos os níveis e realizada por todos. Neste sentido será necessário coordenar melhor tempos e funções do Capítulo Geral e dos Capítulos de Circunscrição, programação geral e programação de Circunscrição, estrutura e relação coordenada entre os membros do Governo Geral e os membros dos Governos de Circunscrição.

<sup>77</sup> ER 16, n. 74.

## A partilha com os leigos

41. Outra importante orientação no processo de renovação da missão é a partilha com os leigos. Nos últimos tempos foi dada sempre maior atenção ao tema do laicato, em sintonia com o caminho da Igreja. O documento do último Capítulo, em particular, tratou-o em vários pontos.<sup>78</sup> Também a designação de um Conselheiro Geral para este específico apostolado, pela primeira vez, indica a vontade de se dar um salto de qualidade para uma responsabilidade geral da Congregação.<sup>79</sup>

Somos todos conscientes que há tempos se está criando um novo relacionamento entre leigos e religiosos, em busca da *partilha do carisma para a missão*. Não é certamente um fato novo. Entre vida religiosa e laicato desde sempre houve um relacionamento numa sintonia mais ou menos forte. Basta pensar que as primeiras formas de vida religiosa nasceram de grupos de leigos que procuravam uma vida cristã vivida na radicalidade. A novidade deste encontro, hoje, se fundamenta sobre uma reflexão eclesial seja na frente da complementação das vocações, própria da eclesiologia de comunhão do Vaticano II,<sup>80</sup> seja sobre o da teologia dos carismas de fundação, entendidos não como propriedade exclusiva do Instituto, mas como dom do Espírito à Igreja pela mediação do Fundador.<sup>81</sup> No crescimento desta tomada de consciência contribuíram também

<sup>78</sup> ER 22, nn. 12, 42, 43, 44, 45, 49, e também 29, 30, 31.

<sup>79</sup> ER 22, n. 44.

<sup>80</sup> Cf. *Lumen Gentium* e *Apostolicam actuositatem*; Sínodo dos Bispos sobre *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo* (1987), Exortação Apostólica *Christifideles Laici*.

<sup>81</sup> *Hoje se redescobre sempre mais o fato que os carismas dos fundadores e das fundadoras, suscitados pelo Espírito para o bem de todos, devem ser de novo*

as preocupações derivadas de uma generalizada (pelo menos no ocidente) diminuição de forças que impelem os leigos a se comprometer nas atividades apostólicas.<sup>82</sup>

42. Fazendo referência à *Vita Consecrata* é útil recordar as vantagens que o encontro com os leigos pode favorecer: a irradiação de uma “frutuosa espiritualidade para além das fronteiras do Instituto”, que consente novas energias para a expressão do seu carisma e, ao mesmo tempo, garante a continuidade de formas típicas de serviço; uma “sinergia mais intensa” entre laicato e pessoas consagradas, que favorece nos leigos uma introdução à experiência “do espírito dos conselhos evangélicos” e das “bem-aventuranças”, através do exemplo dos consagrados, para agir na realidade secular; a participação dos leigos na espiritualidade e na missão do Instituto; enfim, *não raras vezes, a participação dos leigos traz inesperados e fecundos aprofundamentos de alguns aspectos do carisma, reavivando uma interpretação mais espiritual do mesmo e levando a tirar daí indicações para novos dinamismos apostólicos*.<sup>83</sup>

O encontro, afirma *Vita Consecrata*, para ser eficaz, deve configurar-se, todavia, como uma autêntica *permuta de dons*:<sup>84</sup> por parte

---

*recolocados ao centro da Igreja, abertos à comunhão e à participação de todos os membros do povo de Deus* (Partir da Cristo, 31).

<sup>82</sup> O fruto de todo este caminho tem a sua expressão de maior autoridade na Exortação Apostólica pós-sínodo *Vita Consecrata*, nos números 54-56, onde o encontro entre religiosos e leigos é definido como um novo Capítulo “rico de esperanças” na história da vida religiosa. A ela se deve coligar também *A Vida Fraternal em Comunidade*, n. 70 (1994) e o sucessivo *Partir de Cristo* (2002), n. 31.

<sup>83</sup> *Vita Consecrata*, 55.

<sup>84</sup> *Idem*, 54.

dos religiosos em relação aos leigos, para serem guias “especializados” de vida espiritual; por parte dos leigos em relação aos religiosos, para oferecerem a contribuição da *secularidade* e do seu *serviço específico*.<sup>85</sup>

A Exortação Apostólica oferece, enfim, também algumas indicações práticas para a participação institucionalizada de leigos ao carisma de um Instituto, mediante formas associativas que vão da simples participação do ideal, à colaboração apostólica e partilha temporária de vida.<sup>86</sup>

Sabemos que os *leigos* na história da Pia Obra de Santo Aníbal tiveram desde o início uma função importante. Pe. Aníbal logo confiou nos leigos, os quais associou à sua atividade caritativa masculina e feminina, mesmo devido à falta – no início – e da carência – depois – de colaboradores religiosos. A colaboração não se reduzia apenas ao cumprimento de uma função meramente prática, mas, em particular, no desejo de partilhar com eles a missão da oração Rogacionista, como mais tarde aconteceu em forma institucionalizada com a fundação da *Pia União da Rogação Evangélica* (1900).

43. Quando falamos dos leigos relacionando-se com a Congregação é necessário esclarecer preliminarmente o que se entende afirmar. O laicato em relação às nossas comunidades e obras é certamente variado. Leigos são, antes de tudo, os destinatários da pastoral caritativa, educativa, vocacional, paroquial e editorial da Congregação (jovens, alunos, ex-alunos, agentes pastorais, catequistas, fiéis, benfeitores). Há também os leigos que colaboram

<sup>85</sup> *Vita Consecrata*, 55. *Partir de Cristo* afirma que a *comunhão e a reciprocidade na Igreja não têm um sentido único* (n. 31).

<sup>86</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 56.

nas atividades apostólicas institucionais ou como funcionários com relação trabalhista (domésticas, empregados, professores, etc.) ou com outros contratos (voluntários, por exemplo). Há, enfim, os leigos que desejam partilhar, com uma precisa escolha, o Rogate, a espiritualidade e a nossa missão apostólica. A Congregação aceitou esta proposta há tempo, codificando também modalidades jurídicas de “pertença”: a União de Oração pelas Vocações, que se origina no próprio Fundador; as Missionárias Rogacionistas; a UAR (União das Associações Rogacionistas), com as associações que aderiram [Famílias Rog, LAVR – Leigos Animadores Vocacionais Rogacionistas, ERA – *European Rogationist Association* ou Associação Rogacionista da Europa, Ex-Alunos, Voluntariado]; e outras expressões locais. O nosso laicato associado, enfim, além da consagração laical própria das Missionárias Rogacionistas, vai se orientando ao redor de três âmbitos pastorais principais: os jovens, a família e o voluntariado. Creio que a nossa atividade pastoral deveria melhor promover a organização própria destes três âmbitos.

Na promoção da colaboração missionária entendemos referir-nos, antes de tudo, ao laicato rogacionista associado, que tem na Congregação a sua identidade reconhecida. Em consideração a ela os últimos Capítulos, progressivamente, acentuaram a atenção e a proposta pastoral.

Ao tema específico dos leigos foi dedicada a *Conferência dos Conselhos de Circunscrição* de São Paulo (Brasil), no ano de 2003, e o *Simpósio da Família do Rogate* de dezembro do mesmo ano.<sup>87</sup>

<sup>87</sup> *Os leigos da Família Rogacionista. Juntos para viver o carisma hoje*, Atos do Simpósio de Estudos, 6-8 de dezembro 2003, Salesianum, Cadernos de Estudos Rogacionistas 9, Roma (2004).

A este propósito foi publicado o precioso subsídio preparatório ao evento: *os leigos da Família Rogacionista*.<sup>88</sup>

44. Não se pode esconder, todavia, que talvez em nível cultural não tenhamos tomado consciência, de forma clara, sobre a importância da proposta laical na partilha carismática e missionária. Falta, ainda, em muitos de nós, uma apropriada cultura do estado laical, assim como se desenvolveu na teologia pós-conciliar do laicato que tem como fundamento uma intuição especialmente rogacionista, aquela que reconhece a todos os vocacionados de Deus sua específica vocação e missão, na sociedade e na Igreja.

Segundo as indicações de vários Capítulos, trata-se agora de fazer com que o laicato associado torne-se realidade em toda a Congregação. É obvio que para realizar este objetivo é necessário dedicar aos leigos interesse, trabalho e pessoas. Será necessário promover o laicato nas várias Circunscrições, respeitando as realidades eclesiais locais e com a devida inculturação de formas e organizações. O 10º Capítulo nos convidou a responder ao recorrente pedido de *uma atenta formação espiritual e uma inserção mais significativa e válida nas obras pastorais e sociais do Instituto*, a elaborar com os leigos *projetos comuns, iniciativas conjuntas de atividades pastorais, participação concreta na pastoral da juventude e vocacional, e colaboração nas obras educacionais e sociais em favor das crianças e dos pobres*,<sup>89</sup> a ser como religiosos e comunidades *«qualificados pontos de referência e centros de promoção das associações laicais*

<sup>88</sup> *Os leigos da Família Rogacionista, op. cit. Apêndice.*

<sup>89</sup> ER 22, n. 42.

*rogacionistas, acompanhando-as no crescimento, com caridade espiritual, e se envolvendo na sua ação apostólica»*.<sup>90</sup>

Diverso, mas complementar, é o discurso quando nos referimos aos leigos que colaboram em nível profissional e voluntário, os quais encontramos cotidianamente no nosso exercício apostólico. Além da obrigatória e justa compensação pelo serviço prestado, é necessário ter para com eles aquela atenção pastoral que era própria do Fundador em relação à vida cristã, à profissão como missão de estar a serviço ao irmão por amor de Cristo, no estado da vida laical.<sup>91</sup> Isto é mais urgente para aqueles que desempenham trabalho educativo e formativo.

45. Na relação com os leigos é fundamental, contudo, assumir o estilo de acolhida, perceber a importância e o significado de sua presença no meio de nós. Da promoção e participação nas ocasiões de festa e também nos momentos ordinários de nossa espiritualida-

<sup>90</sup> ER 22, n. 43; ER 16, n. 86.

<sup>91</sup> É necessário reler, além do mais, a carta que acompanha o regulamento composto por Santo Anibal aos *Egrégios Senhores Empregados, Criados, deste Instituto do Côn. A. M. Di Francia e aos senhores Provenientes do mesmo Instituto*. Pe. Anibal introduz com uma referência à precária situação econômica e patrimonial da Obra e à conseqüente e contínua necessidade de recursos, confiante na ajuda da Divina Providência. Afirma que a colaboração dos leigos (empregados, internos) não poderá consistir simplesmente no trabalho prestado, mas para o comum interesse (a sobrevivência do Instituto e a própria remuneração). Deverá interessar-se, também, por sua conduta cristã, através da frequência aos sacramentos, fuga do pecado, boas obras. Somente deste modo, afirma Santo Anibal, será possível atrair sobre a Obra o olhar providente de Deus. Uma forma muito simples e elementar, mas eficaz, para comprometer os leigos que colaboravam com ele num caminho também espiritual.



de,<sup>92</sup> é necessário passar à propostas de maior envolvimento nas atividades pastorais da comunidade, fazendo assumir, segundo as oportunidades e situações, também funções de responsabilidade. A dificuldade atual, em alguns contextos, para garantir pessoal religioso nas obras, pode-nos obrigar providencialmente a reconhecer uma função laical específica que não é só de suplência, mas de competências e espaços “seculares” próprios. Nas nossas obras as experiências deste tipo são já múltiplas, basta citar as escolas, as atividades educativas, as cooperativas sociais.

Entre os desafios da vida consagrada hoje – observa-se em várias partes – há aquele da participação dos leigos no carisma e na missão. O problema fundamental para que a participação seja positiva é a formação. Não apenas dos leigos, como facilmente pensamos, mas de nós mesmos, os religiosos.

## Na Família do Rogate

46. Há vários anos se está consolidando a ideia de *família espiritual*, que reúne todos aqueles que vivem na Igreja o dom do Rogate e se reconhecem, de vários modos, na paternidade espiritual e apostólica de S. Aníbal Maria Di Francia: a *Família do Rogate*. Ela compreende os religiosos Rogacionistas, as irmãs Filhas do Divino Zelo, as Missionárias Rogacionistas, os Sagrados Aliados, as Associações laicais e os leigos em geral. Esta configuração, existente hoje em várias realidades religiosas, vem de uma tradição já consolidada de “famílias espirituais” das ordens antigas compostas por

<sup>92</sup> Lembro, a propósito, que o recente Sínodo exortou os religiosos a *promover escolas de oração bíblica abertas aos leigos, especialmente aos jovens* (Prop. 24).

religiosos masculinos e femininos, congregações, institutos laicais, associações, ordens terceiras, etc.. O conceito é retomado pelo documento *Vida Fraterna em Comunidade*,<sup>93</sup> com referência aos leigos. Fundamenta-se sobre a convicção de que por ter assumido o mesmo carisma transmitido pelo Fundador, faz parte efetiva de uma família, independentemente do estado de vida. Fazer parte de uma família espiritual significa não apenas partilhar sua espiritualidade, mas também a missão. Isto comporta uma série de referências a construir e favorecer, para que cresça o espírito de pertença e circule a graça da comunhão.<sup>94</sup>

Em relação à renovação da missão, acredito que deveríamos partilhar aprofundamentos para a realização comum do carisma hoje. Tornar-se-ia significativo, também, uma concreta atividade apostólica conduzida juntamente com a *Família do Rogate*. Ela que vive na Igreja e no mundo o mesmo carisma.<sup>95</sup> Juntar as forças, as competências na complementaridade das vocações, além de ser um testemunho de comunhão, teria certamente uma maior eficácia.

<sup>93</sup> “A colaboração e o intercâmbio de dons se tomam mais intensos quando grupos de leigos participam por vocação, e no modo que lhes é próprio, no seio da própria família espiritual, do carisma e da missão do instituto. Instaurar-se-ão então relações frutuosas, baseadas sobre laços de madura corresponsabilidade e sustentadas por oportunos itinerários de formação na espiritualidade do Instituto” (*A Vida Fraterna em Comunidade*, n. 70).

<sup>94</sup> Para esta realidade de “família espiritual”, que liga congregações religiosas e leigos, está em evidência em alguns institutos um processo de elaboração de constituições específicas (regras fundamentais ou carta de comunhão) para as famílias espirituais ou carismáticas. Fala-se também de “Capítulo da Família”, que deveria oferecer as grandes linhas comuns de espiritualidade e de pensamento sobre o carisma, nas quais cada realidade consagrada e laical desenvolveria o próprio caminho.

<sup>95</sup> Cf. ER 22, n. 10.

cia apostólica. Uma comunhão missionária - é supérfluo sublinhar – torna-nos testemunhas e profetas autênticos do carisma do qual somos portadores na Igreja para o crescimento do reino de Deus. Também nesta perspectiva devemos agir para crescer, através da partilha de algumas iniciativas e na celebração de acontecimentos específicos.

### Para a *Missio ad gentes*

47. Sobre este título gostaria de apresentar uma outra orientação de nossa missão carismática, evidenciada pelo centenário que estamos recordando, a sua natural abertura à universalidade.

A expressão *missio ad gentes*, evidentemente, configura um particular apostolado que *têm como destinatários «os povos e os grupos que ainda não acreditam em Cristo», «aqueles que estão longe de Cristo», entre os quais a Igreja «não afundou ainda suas raízes» e cuja cultura não foi ainda influenciada pelo evangelho.*<sup>96</sup>

Além deste significado original e específico, pretendo aqui fazer referência, também e acima de tudo, à missão que compromete a Congregação a difundir o Rogate em novos contextos geográficos e culturais para que se torne “universal”. Santo Aníbal, na visão espiritual que nos transmitiu<sup>97</sup> e na programação da atividade que

<sup>96</sup> RM, 34.

<sup>97</sup> São emblemáticos, na perspectiva missionária, os conhecidos versos extraídos da Sagrada representação por ele composta para o 25º aniversário da Obra: *Sonhei, sonhei, num êxtase amoroso, / campos fecundos e operários intrépidos, / vestidos com estolas riosas, / animados e ardentes de divino zelo, / que recolhiam em celeiros / as espigas douradas (...). Será que não foi apenas um sonho? ...eu via os meus filhos, / levando suas bagagens que eu mesma preparei / com*

iniciou, adverte com clareza que a missão do Rogate possui uma perspectiva universal e, além do mais, fala explicitamente de *missio ad gentes*,<sup>98</sup> como participação de suas Congregações à missão de evangelização da Igreja. A dolorosa saída de Messina, causada pela destruição do terremoto, providencialmente acelerou a realização desta perspectiva fora da sua região.

48. A disponibilidade missionária da Congregação, portanto, fundamenta-se sobre o espírito do Fundador e entra na natureza do carisma, mas se torna também resposta ao empenho que hoje, de modo explícito, a Igreja pede em particular aos religiosos. A tensão missionária, própria da vocação de todo cristão - “O amor de Cristo nos pressiona” (2Cor 5,14) -, interpela a Igreja com novo vigor no início do terceiro milênio.<sup>99</sup> Os religiosos devem dar uma resposta a este apelo em força da consagração.<sup>100</sup> Também nós, Rogacionistas, fiéis ao Fundador e ao carisma que nos transmitiu, atentos às indicações da Igreja, somos chamados a reconhecer na *missio ad gentes*, acima de tudo, um *santo ideal*.<sup>101</sup> *A contemplação da “messe, que é grande”, e dos “trabalhadores, que são poucos” - nos lembrou João Paulo II na sua Mensagem ao 10º Capítulo Geral -, não pode deixar de abrir a alma ao anseio da evangelização universal dos povos. Por conseguinte, o vosso Santo Fundador desejou des-*

---

*um cuidado materno, / dirigindo-se a regiões distantes... Adeus, / ó muros protetores / da querida casa materna, / onde aprendestes a amar somente a Deus! (Os hinos do Primeiro de Julho, p. 215-216; Escritos, vol. 46, p. 215-216; vol. 47, p. 51-52).*

<sup>98</sup> Cf. DI FRANCIA A. M., *Escritos*, vol. 1, p. 185-203; vol. 3, p. 28-29; vol. 36, p. 6; *Antologia Rogacionista (ER 13)*, p. 478, 507-508, 511-512.

<sup>99</sup> Cf. *Ad gentes*, 1.

<sup>100</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 78.

<sup>101</sup> Cf. DI FRANCIA A. M., *Escritos*, vol. 1, p. 180.

de as origens, justamente, que os seus filhos estivessem atentos e disponíveis para a *missio ad gentes*.<sup>102</sup>

A *missio ad gentes*, expressamente desejada pelo Fundador e indicada pela Igreja, enquanto favorece a difusão do carisma, o desenvolvimento e o crescimento da realidade rogacionista no mundo, constitui-se hoje também num importante elemento a favor da renovação e da revitalização do Instituto e das comunidades.<sup>103</sup>

49. Os vários Capítulos Gerais, a começar do Capítulo ordinário e especial de 1968, onde se afirma que a *Igreja e o Fundador nos querem missionários*,<sup>104</sup> chamaram a atenção ao empenho missionário, oferecendo as devidas indicações formativas e organizativas. O 10º Capítulo reconheceu que a *Congregação, não obstante as dificuldades de recursos humanos, demonstrou-se particularmente sensível em participar do empenho missionário da Igreja «no anúncio apaixonado de Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem, àqueles que o esqueceram e em modo preferencial aos pobres»*. Portanto, em resposta ao “sonho” do Fundador, vai progressivamente instituindo novas comunidades em terra de missão. E concluía: *O espírito missionário, portanto, deve ser encorajado e sustentado nas várias fases da formação, assim a constituir a melhor prova de uma doação autenticamente vivida*.<sup>105</sup>

A Congregação, na sua história, embora não seja de fato especificamente missionária como são alguns Institutos fundados

<sup>102</sup> *Mensagem*, 5, in.: ER 22, p. 63.

<sup>103</sup> Cf. *Redemptoris Missio*, 2.

<sup>104</sup> Cf. 4º CAPÍTULO GERAL, *Declarações e Decretos*, n. 796.

<sup>105</sup> Cf. *Partir de Cristo*, 9.

essencialmente para esta finalidade, manteve vivo o empenho missionário na medida das próprias forças, segundo as necessidades dos tempos e dos lugares, as disponibilidades e os pedidos das Igrejas locais, e também a análise de particulares circunstâncias. Desde a primeira abertura em terra brasileira (1950), estamos presentes, hoje, com a ajuda do Senhor, nos cinco continentes<sup>106</sup> onde o carisma de Santo Aníbal se expande, mediante a obra generosa de numerosos coirmãos.

Atualmente, em continuidade com o passado, estamos empenhados a consolidar e revigorar as presenças missionárias existentes, não deixando de pensar, com esperança e prudência, na abertura de novas frentes onde estender a missão.<sup>107</sup>

50. Os critérios inspiradores do nosso empenho missionário traçados nas deliberações dos Capítulos Gerais, englobam a Palavra de Deus, os documentos da Igreja e a inspiração carismática do Fundador. Sentimos, juntamente com os pastores da Igreja, a urgência da missão a expressar e, na fidelidade ao carisma do Rogate, orientamo-nos nas atividades pastorais que são próprias nossas: a oração pelas vocações e sua difusão, a pastoral vocacional fundamentada sobre a oração, a atividade de promoção humana e cristã dos pobres e, acima de tudo, dos pequenos. Para expressar este nosso apostolado privilegiamos a escolha de lugares onde maior

<sup>106</sup> As datas das várias aberturas são: Brasil (1950), Califórnia-USA (1967), Espanha (1970), Filipinas (1976), Ruanda (1978), Argentina (1979), Índia (1987), Polónia (1991), Albânia (1993), Camarões (2000), Vietnã (2002), Paraguai (2002), Coreia do Sul (2003), Pádua Nova Guiné (2003), Indonésia (2004), México (2004), e uma presença na Eslováquia em 2006.

<sup>107</sup> Cf. Documentos do 6º Capítulo Geral, n. 502, p. 173; 8º Capítulo Geral, n. 347; ER 16, n. 26.

mente emergem situações de pobreza, especialmente em referência aos menores.<sup>108</sup>

Os projetos missionários da Congregação são fruto da responsabilidade de todo o Instituto e da colaboração entre Governo Geral e Circunscrições, examinados numa perspectiva global e sustentável. Na elaboração e realização de tais projetos são significativos a sensibilização e o envolvimento das outras partes da Família do Rogate, em particular do voluntariado laical.

51. Uma problemática prioritária para este apostolado diz respeito à disponibilidade de religiosos, o intercâmbio e a preparação. Percebe-se, a propósito, a necessidade de uma maior sensibilização e uma formação permanente ao ideal da *missio ad gentes*, desde as primeiras etapas da formação inicial.<sup>109</sup> É necessário cultivar algumas importantes convicções e atitudes, antes de tudo, a abertura à universalidade do nosso compromisso apostólico, que em concreto se traduz na disponibilidade do envio também para fora do próprio âmbito geográfico. A possibilidade de se fazer experiências missionárias também no tempo da formação inicial ajuda a crescer nesta abertura e disponibilidade.

Na perspectiva missionária, enfim, deve-se valorizar a oportunidade de analisar o nosso empenho naqueles lugares onde o carisma já penetrou e onde encontra menor espaço de expressão devido à evolução das estruturas sociais e os custos de gestão em favor de uma nossa presença em países mais pobres de recursos, materiais

<sup>108</sup> Cf. ER 22, n. 21. Cf. também *Declarações e Decretos* (1968), n. 813.

<sup>109</sup> Cf. Documentos do 4º Capítulo Geral, n. 800-807; 6º Capítulo Geral, n. 107, p. 173; ER 16, n. 26. ER 22, n. 41; *Ratio*, n. 44, 183, 198, 372c, 512 e 519.

e espirituais, mais necessitados de ajuda e mais promissores, seja para o crescimento vocacional, seja para a realização de nossas obras carismáticas.

### **Formar-se à missão**

52. *A formação rogacionista visa a obtenção de uma personalidade madura no nível humano, cristão, de modo a conduzir o religioso à aquisição de um estilo de vida Rogacionista, que seja sinal revelador da caridade compassiva do Coração de Cristo para com o rebanho abandonado.*<sup>110</sup> Para dar um novo impulso à missão, com nova paixão, é necessário, além do mais, que ela esteja no centro dos vários itinerários formativos. Na base de todo discurso e projeto formativo devem estar algumas convicções que hoje estão no plano teórico, mas custam a entrar na prática. O processo formativo dura toda a vida, compromete toda a pessoa e se configura como resposta pessoal ao dom da vocação. A formação rogacionista consiste num processo de progressiva conformação ao Senhor Jesus no espírito do santo Fundador e do seu projeto apostólico, realiza-se no cotidiano da vida e do apostolado de toda comunidade e também através de específicos momentos extraordinários de formação.<sup>111</sup>

Para que a missão rogacionista possa ser realizada com eficácia na Igreja e no mundo, é indispensável educar e se educar – desde as primeiras etapas formativas – a ser testemunhas qualificados de vida evangélica e pessoas profissionalmente competentes nos vários setores de apostolado específico. Consagração e missão se

<sup>110</sup> ER 22, n. 23.

<sup>111</sup> Cf. ER 19, n. 9-10. 52-58.

tornam, neste modo, elementos centrais dos vários caminhos formativos, em nível pessoal, comunitário e de Congregação.

53. A propósito dos caminhos formativos para a missão desejo evidenciar algumas novas situações. Há anos vão se reduzindo, pelo menos em algumas Circunscrições, tarefas tradicionais dos religiosos, como aquelas da educação devido à diminuição das obras por razões sociais e legislativas, como também pela inserção de leigos em vários níveis de competência e responsabilidade. Não faltam, ao mesmo tempo, coirmãos que, mais que a funções administrativas ou de gestão, preferem estar comprometidos em serviços pastorais no exercício do ministério ordenado, muitas vezes porém com o risco de uma generalidade pastoral.

Neste contexto seria o caso de pensar, preparar e investir em novas profissões que estejam mais ligadas, neste momento, ao caminho apostólico da Congregação, que se abre às diversas obras vocacionais e caritativas, também para acompanhar e promover um laicato em crescimento, que partilhe o carisma. Refiro-me ao campo do estudo e da pesquisa na teologia da vocação em particular, e das ciências teológicas em geral, das ciências sociais e pedagógicas, ao mundo da solidariedade, especialmente para os menores, às novas exigências da comunicação, à animação do laicato associado em suas várias expressões de pastoral da juventude, familiar e do voluntariado, à animação espiritual da União de Oração pelas Vocação e da Aliança Sacerdotal.

## **Rogacionistas, homens de oração**

54. Nesta terceira parte quisemos colher as orientações essenciais da nossa missão, que são expressão de uma dúplici fidelidade: ao espírito das origens e aos sinais dos tempos. No final quero indicar uma que resume e sintetiza todas e se põe como raiz e condição da própria missão: ser homens de oração. Tal exigência emerge quase instintivamente da própria palavra do evangelho, que define o nosso nome e a nossa missão: *Rogate!* Já o tinha lembrado para nós o papa Paulo VI quando, na mensagem aos Padres Capitulares em 1968, disse: *A vós, Padres Rogacionistas do Coração de Jesus, cujo próprio nome vos qualifica na missão e na imagem de adoradores e de implorantes para a missão mais alta e mais bela, de merecer e preparar as vocações para o reino de Cristo. A vida interior deve estar em primeiro lugar (...). Sejais os especialistas de Deus, antes e acima de tudo (...), e então sereis também os seus apóstolos na via do mundo (...) sereis o fermento na massa, sereis a luz posta sobre o monte, o sal da terra, a lâmpada que arde e dá luz.*<sup>112</sup> O lembrou também, mais recentemente, o papa João Paulo II, na já citada Mensagem ao 10º Capítulo Geral: *Em primeiro lugar, rezar: Rogate ergo! A oração constitui a raiz fecunda e o alimento indispensável de toda a ação que quiser ser eficaz em ordem ao Reino de Deus.*<sup>113</sup> O documento capitular pontualizou: *como rogacionistas somos chamados a ser homens de oração e nossas comunidades casas e escolas de oração.*<sup>114</sup>

<sup>112</sup> *Declarações e Decretos*, p. 313-314.

<sup>113</sup> ER 22, *Mensagem*, 4, p. 61.

<sup>114</sup> ER 22, n. 17.

Quero apenas insistir que não se pode ser *apóstolos do Rogate* se não se é discípulos do Senhor Jesus, se não se apreende esta palavra diretamente de seus lábios e dos *gemidos do seu coração*, na intimidade de um relacionamento pessoal com ele; quem não habita com o Senhor e no Senhor não pode, na missão, anunciar com eficácia o dom do Rogate; quem não vive “para” e “em” Cristo não pode, na missão, reconhecer a presença do próprio Senhor nos pequenos e nos pobres. É sempre e somente partindo do Cenáculo, lugar de intimidade e de comunhão, que se regenera e se dá novo impulso à missão.

## Conclusão

### ***Para renovar o projeto apostólico da Congregação***

55. *A nossa Congregação vive e participa da angústia que atinge a Vida Consagrada no seu conjunto. Ela é chamada a verificar a correlação entre o ideal carismático e sua prática, para delinear os caminhos a percorrer nos próximos anos. De fato, a missão do Instituto necessita ser renovada e relançada no início do terceiro milênio.*<sup>115</sup> Assim se expressou o 10º Capítulo Geral, introduzindo a reflexão e as orientações sobre a missão da Congregação hoje. O propósito, em definitivo, era o de rever, renovar e dar novo impulso ao *projeto apostólico do Instituto*.

A Congregação persegue o seu *projeto apostólico* há mais ou menos cem anos. Recebeu-o do santo Fundador, que o tornou objeto de sua vida e o transmitiu às suas instituições. Encontramo-lo formulado e definido nas Constituições, que justamente nestes anos estamos revisando e atualizando, com a finalidade de aprofundar a identidade carismática segundo os ensinamentos de Santo Aníbal Maria, pontualizar a consagração e a missão, cuidar da dimensão bíblica, teológica e pastoral, buscar um respiro mais profético e sentir as várias sensibilidades culturais.

Percebemo-lo realizado com paixão e dedicação por tantos coirmãos que nos precederam e que marcaram a nossa história, evidentemente privilegiando aspectos próprios do tempo e das situa-

<sup>115</sup> ER 22, n. 6.

ções, aspectos às vezes projetados no futuro, outras vezes menos. Percebemo-lo no caminho descentralizado da Congregação através das atividades apostólicas das Circunscrições, das Comunidades e de todos os Coirmãos.

Neste momento da nossa história, *no início do terceiro milênio*, é nossa tarefa, à luz do caminho da Igreja e da vida religiosa, do fenômeno ambivalente da globalização, de uma mais madura compreensão do carisma, do caminho internacional da Congregação, da santificação do Fundador e do reconhecimento eclesial do seu carisma, *verificar a correspondência entre o ideal carismático e sua realização concreta*. É um compromisso que não se resolve num instante, mas é um processo que necessita de uma tomada de consciência partilhada e da aquisição de orientações, critérios e perspectivas comuns. Mais que uma ação é uma consciência que deve ser adequadamente promovida.

Algumas iniciativas conduzidas nestes anos em nível central, pelas Conferências dos Superiores e Conselhos de Circunscrição, nas várias áreas geográficas, pelos simpósios anuais estendidos a toda a Família do Rogate, nas Visitas às Circunscrições e às Comunidades, e no caminho das Circunscrições, orientado pelos Capítulos Provinciais e pelas Assembleias de Circunscrição, tiveram substancialmente o objetivo de avivar este processo de análise do nosso trabalho apostólico, dos propósitos que o animam como caminhos que já se estão trilhando.

Este processo é substancialmente um caminho de conversão. Sem uma madura atitude de verificação e disponibilidade à renovação, sem uma nossa conversão espiritual, e uma contínua transfi-

guração e purificação da nossa vida à luz da Palavra de Deus, que é o Rogate, será difícil renovar a nós mesmos e a nossa missão.

As orientações que tentei resumir nestas páginas, num modo certamente não exaustivo, apresentam algumas urgências e pretendem oferecer também alguns critérios para cumprir o mandato capitular em relação à análise da correspondência entre o ideal carismático e sua realização, e para continuar a fazer este discernimento.

O Capítulo Geral observava: *O Fundador, que não conheceu fronteiras em sua incansável atividade pelo Rogate, não colocou limites ao apostolado carismático de seus filhos: oração rogacionista, difusão do mandamento de Jesus através do apostolado correspondente às necessidades dos tempos, múltiplas e várias iniciativas em favor das vocações e da formação sacerdotal, missões ad gentes, atividades socioeducativas, evangelização dos pequenos e pobres.*<sup>116</sup>

O projeto apostólico da Congregação, que desde seu início alcança âmbitos e tipologias específicas, estende-se por sua natureza a horizontes amplos e múltiplos. O *ser bons operários*, segundo a expressão de Santo Aníbal, oferece evidentemente vastas possibilidades de compromissos. Cabe a nós, num justo discernimento das situações, na valorização de recursos humanos, de meios e ambientes, estabelecer os âmbitos mais adequados para o nosso serviço, reconhecer quais podem ser as modalidades “novas” e em linha com os tempos para responder, de modo sempre mais atual ao ideal carismático do Rogate que nos deixou o santo Fundador.

---

<sup>116</sup> ER 22, n. 28.

A perene mutabilidade dos contextos sociais nos quais estamos inseridos, os fatores de descontinuidade com o passado, os desafios que nos provêm das instâncias culturais e eclesiais exigem de nossa parte uma atitude vigilante, aberta a uma renovação constante, que nos consente de repensar continuamente critérios, prioridades e projetos.

Neste nosso compromisso sempre nos inspire, guie e acompanhe o nosso Santo Fundador, Santo Aníbal Maria Di Francia, que, do trágico terremoto de 1908, soube, confiando na Providência, ver além das ruínas e tomar novo impulso para expandir a missão rogacionista.

*Roma, 28 de dezembro de 2008.  
Centenário do terremoto.*

*Pe. Giorgio Nalin, rcj  
Superior Geral*

## Índice

<b>Apresentação</b>	<b>3</b>
<b>Introdução</b>	<b>7</b>
<b>Primeira Parte: Memória histórica</b>	<b>13</b>
Longe de Messina	14
Santo Aníbal narra o terremoto	16
As 13 vítimas, Filhas do Divino Zelo	22
Santo Aníbal finalmente no meio de seus filhos	25
A situação se faz precária	27
Coirmãos e coirmãs no terremoto	29
No continente	32
Em Francavilla Fontana e em Ória	35
<b>Segunda Parte: A redescoberta das origens</b>	<b>41</b>
Renovar a missão apostólica do Instituto	43
Avinhão, lugar teológico e carismático da Obra	45
O Fundador, ícone vivente da missão Rogacionista	46
Os primeiros discípulos, “pedras de construção”	48
Os pobres, primeiros destinatários do carisma Rogacionista	49
Compreensão do Rogate e seu zelo	51
Referência à história da Congregação	52



<b>Terceira Parte:</b>	
<b>No passo com os sinais dos tempos</b>	<b>53</b>
Ler os sinais dos tempos	54
Inculturar a missão	58
Dimensão cultural e profissional	60
O mundo da comunicação	62
A dimensão comunitária	64
Missão do Instituto e projeto pessoal	69
Por um caminho comum	71
A partilha com os leigos	74
Na Família do Rogate	80
Para a Missio ad gentes	82
Formar-se à missão	87
Rogacionistas, homens de oração	89
<b>Conclusão</b>	<b>91</b>
Para renovar o projeto apostólico da Congregação	91